



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

**NARA SANDRA RIBEIRO MONTIEL**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES DO CAMPO: BIOMA PAMPA**

**Jaguarão  
2022**

**NARA SANDRA RIBEIRO MONTIEL**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES DO CAMPO: BIOMA PAMPA**

Relatório final crítico reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Marçal da Rocha

Linha de Pesquisa 02: Política e Gestão da Educação

**Jaguarão  
2022**

**NARA SANDRA RIBEIRO MONTIEL**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES DO CAMPO:BIOMA PAMPA**

Relatório final crítico reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Dissertação defendida e aprovada em: 03 de março de 2022.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Jefferson Marçal da Rocha  
Orientador  
(Unipampa)

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Silvana Maria Gritti  
(Unipampa)

---

Prof. Dr. Jerônimo Sartori  
(UFFS)



Assinado eletronicamente por JEFFERSON MARCAL DA ROCHA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 06/04/2022, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por SILVANA MARIA GRITTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 07/04/2022, às 13:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0775737 e o código CRC EDS7925C.

Dedico esta conquista ao meu amado filho Iago, ao meu esposo Elci pela parceria, à Dr<sup>a</sup>. Nádia Fátima dos Santos Bucco, à Dr<sup>a</sup>. Caroline Ferreira Mainardi e ao Dr. Algacir José Rigon, nomeando-os, estendo a dedicatória, aos demais colegas de trabalho, familiares e amigos, que sempre me apoiaram e torceram por mim, ao longo da construção deste relatório crítico reflexivo, sonho este, acalentado durante muito tempo; agora realidade!

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço por esta etapa de minha formação acadêmica a Deus, a Jesus e aos amigos de luz, que sempre me ampararam e intuíram nas dificuldades e nos momentos de desânimo.

Estendo os agradecimentos à UNIPAMPA, pela oportunidade de crescimento profissional, à Banca Avaliadora pela contribuição a ser agregada, à Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes pela acolhida e colaboração, ao meu orientador Prof. Dr. Jefferson Marçal da Rocha, que sempre me auxiliou e incentivou a continuar, mesmo quando as coisas se tornaram complicadas, gratidão pela paciência e desprendimento.

## RESUMO

Este relatório crítico reflexivo tem como objeto o uso da linguagem na formação continuada e permanente de educadores do campo, tendo como tema gerador o Bioma Pampa. Tem como objetivo geral compreender, por meio da Linguagem, os aspectos sociais, ecológicos, culturais e econômicos que envolvem o Bioma Pampa, a partir da reflexão do processo ensino-aprendizagem, junto aos professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, considerando que a variação fonética é um subsídio importante para interpretação e uso da linguagem materna. O resultado deste trabalho pode ser sintetizado da seguinte forma: a Educação do Campo deve ser encarada como direito e não como privilégio, para formar indivíduos críticos, empoderados, engajados e conscientes do seu papel de cidadãos; ao passo que a linguagem é um fator importante neste processo, na exteriorização do pensamento e no compartilhamento de conhecimentos e concepções culturais, gestados na educação do campo e por fim resgata a importância da formação continuada dos professores para atuarem neste contexto.

**Palavras-chave:** Bioma Pampa; Educação do Campo; Linguagem.

## **ABSTRACT**

This reflective critical report has as its object the use of language in the continuous and permanent formation of rural educators, having as its generating theme the Pampa Biome. Its general objective is to understand, from Language, the social, ecological, cultural and economic aspects that involve the Pampa Biome, based on the reflection of the teaching-learning process, together with the teachers of the Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, considering that the phonetic variation is an important subsidy for the interpretation and use of the first language. The result of this work can be summarized as follows: Rural Education must be seen as a right and not as a privilege, to form critical, empowered, engaged and aware individuals of their role as citizens; whilst language is an important factor in this process, in the externalization of thought and in the sharing of knowledge and cultural conceptions, gestated in rural education and finally rescues the importance of continuing education of teachers to work in this context.

**Keywords:** Pampa Biome; Rural Education; Language



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do município de Dom Pedrito.....	28
Figura 2 - Mapa do Bioma Pampa/Rio Grande do Sul.....	40
Figura 3 - Exemplo de linguagem formal/informal.....	55
Figura 4 – Circuito da Fala.....	58
Figura 5 - Mapa que assinala os países lusófonos .....	64
Figura 6 – Foto Povos e comunidades tradicionais do pampa .....	71
Figura 7 – Foto Bioma e sua gente .....	72
Figura 8 - Foto Sala de Professores .....	88
Figura 9 - Foto Transporte Escolar.....	88
Figura 10 - Foto Fachada Escola .....	88
Figura 11 - Foto Acolhimento pela Diretora da Escola.....	89

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Escolas do município de Dom Pedrito - RS .....	26
Quadro 2 - Escolas estaduais e privadas do município de Dom Pedrito - RS.....	27
Quadro 3 – Universidades do município de Dom Pedrito - RS .....	27
Quadro 4 - Equipe diretiva e corpo docente (EMREFSM) .....	31
Quadro 5 - Número de turmas e de alunos (EMREFSM) .....	32
Quadro 6 – Número de Servidores .....	32
Quadro 7 - Exemplo de linguagem formal/informal .....	54
Quadro 8 - Quadro dos resultados .....	76

## **LISTA DE SIGLAS**

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)  
Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes (EMREFSM)  
Projeto Político Pedagógico do Curso (PPPC)  
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)  
Fundação Átila Taborda - Faculdades Unidas de Bagé (FAT/FUnBa)  
Língua Adicional (LA)  
Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)  
Rio Grande do Sul (RS)  
Universidade da Região da Campanha (URCAMP)  
Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)  
Diário Oficial da União (DOU)  
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)  
Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA)  
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB)  
Curso de Educação do Campo - Licenciatura (LECampo)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Trajetória Acadêmica.....</b>	<b>17</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Diagnóstico .....</b>	<b>32</b>
<b>4 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>34</b>
<b>4.1 Bioma Pampa: a formação social, histórica, ecológica e econômica.....</b>	<b>34</b>
<b>4.2 Educação do Campo.....</b>	<b>41</b>
<b>4.3 Linguagem.....</b>	<b>52</b>
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>66</b>
<b>5.1 Ações .....</b>	<b>67</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>7 CONCLUSÕES.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e esclarecido.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE B – Fotos .....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICE C – Cartilha .....</b>	<b>90</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este relatório crítico reflexivo tem como objetivo refletir sobre o uso da linguagem na formação continuada e permanente de educadores do campo, tendo como tema gerador o Bioma Pampa. No contexto da formação continuada e permanente professores, de acordo com (IMBERNÓN, 2010).

“Quando olho em volta dos prédios das escolas, dos institutos ou dos cafés das universidades, vejo pouca mudança; uma maior desmobilização do setor educacional: as revistas educativas vendem menos e reduzem tiragens, assim como outras publicações de caráter pedagógico” (IMBERNÓN 2010, p. 14).

Outro desestímulo é a falta de interesse por uma formação continuada, para que ele tome novo fôlego e continue seu ofício de partilhar seus saberes, sendo necessário o desenvolvimento profissional, identidade docente, valorização salarial, legislação, sentimento de pertencimento, interagir coletivamente e consciência de classe.

A formação continuada e permanente professores, segundo: (IMBERNÓN, 2010).

‘A institucionalização da formação teve sua parte negativa, já que a formação do professor, historicamente envolvida por uma racionalidade técnica, com uma visão determinista e uniforme da tarefa dos professores reforçada pelos processos de pesquisa positivista e quantitativa que eram realizados, potencializou um modelo de treinamento mediante cursos padronizados que ainda perdura’. (IMBERNÓN, , p. 19, 2010).

Com as mudanças geradas pela globalização no contexto educacional, ante as constantes transformações comunicativas, sociais, culturais e econômicas que vivenciamos, há reflexões sobre a formação docente permanente e a prática da padronização na grande maioria dos cursos. Pois, no sistema educativo a aprendizagem dos alunos, os benefícios na formação, o desenvolvimento profissional dos professores necessitam de uma nova roupagem, com ações que repensem os coletivos, a metodologia e a sistemática de trabalho.

Assim sendo as ações formativas, profissionais e transformadoras, poderão trazer vários benefícios ao grupo docente que é motivado e qualificado, propiciando mudança da organização educativa e na comunidade escolar, através da troca, do compartilhamento de saberes, de apropriação da sua cultura através de suas práticas e na qualificação do ensino com melhor qualidade.

Foi desenvolvido com os professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes (EMEFSM), onde já há uma reflexão sobre estes temas,

dado o contexto de localização da Escola que está situada no 3º subdistrito Upacaray em Dom Pedrito/RS.

Tem como objetivo geral compreender a partir da linguagem os aspectos sociais, ecológicos, culturais e econômicos que envolvem o Bioma Pampa, a partir de reflexão do processo ensino-aprendizagem, junto aos professores EMREFSM. Considero que a variação fonética é um subsídio importante para a interpretação e uso da linguagem.

Como objetivos secundários, justifiquei a conjunção entre as perspectivas do campo, especificamente a relação da Educação do Campo e às questões envolvendo o ambiente bioma Pampa; colaborar para a construção e divulgação de uma referência epistemológica crítica sobre o bioma Pampa para os futuros educadores do campo; verificar, pela linguagem, os aspectos que envolvem a relação entre as perspectivas da vida no campo e da educação do campo; propor reflexões nas formas de leitura e de escrita do idioma materno (na perspectiva dos aspectos fonéticos regionais); motivando para que nas questões cotidianas da sala de aula, se explore a utilização da língua, como instrumento para a formação dos futuros professores e professoras, por fim, construir uma cartilha que incorpore os aspectos sociais, econômicos e culturais do bioma Pampa a partir da reflexão dos participantes da intervenção.

Propôs-se a confecção de uma cartilha sobre os aspectos da região, que esclarecerei no decorrer deste relatório, compreendendo a concepção dos aspectos relacionados ao bioma pampa e por meio do estudo da linguagem, a partir do estudo das formas de transmitir estes aspectos nos processos de ensino e aprendizagem sobre este bioma nas escolas da região.

Devido à pandemia da Covid-19, tive que mudar o foco da intervenção, a qual seria realizada junto aos alunos da Educação do Campo – Licenciatura (LECampo) - Unipampa/Campus Dom Pedrito, pois os ingressantes/2021/1 (indígenas), estavam com dificuldades, por não terem acesso à Internet, tornando inviável a realização da intervenção prevista, o que reflete as grandes dificuldades que a educação do país passou neste período, certamente potencializada em escalas ainda maiores nos/nas estudantes da LECampo.

Com a mudança de público, a intervenção foi realizada com os professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes.

Como método investigativo no contexto teórico foi utilizado pesquisa bibliográfica e documental, de reflexões dos diversos tipos e usos da linguagem para a transmissão de mensagens e de informações que se iniciam nos elementos que se organizam e constituem o ato da comunicação, concebidos quando o sujeito cria essa mensagem, apreende e mantém o assunto que foi comunicado.

Para o estudo da utilização de linguagens, comparei a forma de transmissão de mensagens, verifiquei como que se iniciam os elementos constitutivos no ato da comunicação, ou seja, a partir do momento que o sujeito cria essa mensagem, até o domínio do assunto que será debatido.

Já no processo de intervenção, que aqui deve ser encarado, como uma maneira democrática de construção do conhecimento e não como uma intervenção como o termo pode remeter, sendo que ao construir uma ‘cartilha’, (cujo conceito é: substantivo feminino, livro para ensinar a ler), inseri a proposição que se referiu à confecção de um material coletivo, que captou a expressão dos professores participantes, na compreensão da linguagem balizadora e que proporcionou, a mediação de novas maneiras de pensar e realizar o papel do conhecimento adquirido na formação humana, no desenrolar do ensino-aprendizagem, na concepção de espaço cultural, político e social, agregando os aspectos ecológicos, socioambientais, econômicos, sociais, históricos e contemporâneos do bioma pampa.

A pesquisa de intervenção pedagógica visa contribuir para a solução de problemas práticos, sendo que o pesquisador identifica o problema e decide como fará para elucidá-lo, ou prossegue na busca pela elucidação, aceitando sugestões e críticas, dos sujeitos atores para o aperfeiçoamento e inovação do trabalho, sem generalizações. Ao descrever minuciosamente o que foi construído, nas análises de dados coletados, produz o entendimento da realidade e o planejamento do método a ser utilizado para avaliação da pesquisa e sobre a interferência sofrida na investigação.

Ao falarmos sobre códigos de comunicação é necessário que o destinatário dele se aproprie; portanto, destinatário e remetente devem se apropriar do código, o qual forma um conjunto de signos convencionados, línguas faladas no mundo, que promove a comunicação entre pessoas, servindo para a troca de informações a serem utilizadas, devendo estas, serem do conhecimento dos envolvidos (MARTELOTTA, 2011).

Os sujeitos ao criarem diferentes interpretações dos símbolos concretos que servem para guiar as suas atividades mentais, com ida ao campo conhecem os significados, graças ao dinamismo e atualização dos signos linguísticos (MARTELOTTA, 2011).

Observa-se que a língua não possui ao seu lado uma regra que norteia de como ela deva ser, pois, cada uma possui uma maneira própria de interpretar a realidade. Devemos ressaltar que a linguagem é essencial na concepção de mundo no qual estamos inseridos e na organização do pensamento.

Valeu destacar que ao propor explorar questões referentes ao bioma Pampa, que compõe a maior parte do território do Rio Grande do Sul, em seus aspectos sociais,

ecológicos, históricos, culturais e econômicos, propus uma reflexão, a partir da linguagem e das suas nuances, relacionadas ao processo ensino-aprendizagem, por meio da formação continuada de professores, entendida aqui, como uma construção coletiva com educadores de todas as áreas do conhecimento.

Essa conjunção entre as perspectivas da minha práxis profissional, o contexto que envolve o bioma Pampa, os fatores em específicos da educação do campo, as questões socioambientais contemporâneas foi o que justificaram a demanda por esta investigação; também outro motivo importante, este de cunho pessoal, foi minha intenção de contribuir, após vinte e oito anos de atuação no magistério como professora na área da Linguística, com os educadores do campo, para que suas práticas educativas, com a reflexão sobre o bioma pampa se possa contribuir para construção de uma sociedade mais justa e sustentável para nossa região. Uso o pronome possessivo ‘nosso’ intencionalmente, pois sou natural de Dom Pedrito, e os aspectos sociais, culturais e ambientais que formaram a região são intimamente ligados à história da minha vida.

Ao interagir com os professores da escola, durante a visita e na intervenção, percebi as diversas situações de uso da linguagem entre eles, suas falas cotidianas oriundas do campo, descendentes de italianos e descendentes de alemães, trazem em sua essência a língua materna, onde a diversidade fonética se impõe em diferentes sotaques.

Devido a essas variações fonéticas destes falantes, pensei nesta proposta da utilização da linguagem, para a formação desses professores do campo, os quais se deparam com realidade diversa em sala de aula.

Considerarei que a partir de minha experiência, de 28 (vinte e oito) anos na docência na formação em Letras e agregada a minha atuação há 11 (onze) anos, no cargo de Secretária Executiva UNIPAMPA/*Campus* Dom Pedrito, percebi que posso auxiliar desde o uso da linguagem materna; à linguagem padrão.

Disto isto, este texto está dividido da seguinte forma: esta introdução, a minha trajetória acadêmica onde faço uma síntese de como foi vivenciada e adquirida a carreira profissional, os aspectos metodológicos da pesquisa que trazem os aspectos das análises aqui aplicadas, no referencial teórico revisito os seguintes temas: linguagem, bioma pampa e educação do campo, os resultados e discussões relatam as expectativas dos professores, que ficaram motivados com a oportunidade da troca de experiências sobre o bioma Pampa, sendo que a prioridade da pesquisa, foi o projeto de confecção de uma cartilha: de maneira cooperativa, coletiva, solidária, inclusiva, empática, de forma que os participantes perceberam que o grupo que atua em ações coletivas, alcança objetivos comuns; espera-se que a cartilha



traga interação entre os estudantes, que poderão inclusive motivar-se a enriquecê-la ainda mais com suas próprias experiências; nas considerações finais é onde relato a experiência na construção coletiva da cartilha, já na conclusão faço um depoimento a partir das intervenções, pois para mim foi uma experiência interessantíssima com a colaboração de todos os participantes, os temas abordados na cartilha, geraram uma expectativa e foi descrita pelos educadores como uma importante ferramenta didática e interdisciplinar, por fim as referências bibliográficas trazem a lista das obras e documentos que me utilizei para escrever este relatório crítico reflexivo.

### **1.1 Trajetória Acadêmica**

Dediquei-me à carreira do Magistério, desde 13 de setembro de 1982, nesta data graduanda e docente contratada junto à Rede Municipal de Ensino de Dom Pedrito/RS, com carga horária de 20 (vinte) horas.

Minha escolha foi conhecer as nuances da Língua Portuguesa, fascinada pelo Latim (mãe de muitas filhas), da Roma antiga, na expectativa de conhecer uma LA (no caso, a Língua Inglesa), a qual traria novas possibilidades e horizontes. Percebi que era a oportunidade a qual esperava, para em breve, ter êxito em concurso público, pois com o conhecimento da Língua Portuguesa, teria maiores chances de sucesso.

Gratidão pela escolha da graduação em Letras na Fundação Átila Taborda - Faculdades Unidas de Bagé – FAT/FUnBa, onde iniciei uma longa jornada de quatro anos, que era o objetivo, daquela Nara, jovem, cheia de expectativa, de recursos financeiros escassos, que via na educação, os passos para um futuro mais digno.

E, nessa caminhada, ministrei aulas para séries iniciais na Escola Municipal Alexandre Vieira, com os componentes curriculares de Português, Ciências, História, Geografia, Ensino Religioso, Artes e Matemática.

Haja vista não haver frequentado o curso de Magistério, essa experiência foi-me extremamente gratificante, pois, na prática, fora o meu primeiro contato com o exercício da docência.

Paralelamente, no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e, posteriormente, na Fundação Educar, ministrava aulas noturnas para adultos, analfabetos em sua maioria, que não haviam frequentado a escola na época regular.

Nesse ínterim prestei concurso para a Rede Municipal de Educação/Dom Pedrito/Rio Grande do Sul, tendo sido aprovada e nomeada, para ministrar os componentes de Língua

Portuguesa e Língua Inglesa, nas séries finais do antigo Primeiro Grau, com carga horária de 20 (vinte) horas semanais.

No ano de 1992 ingressei na Rede Estadual de Ensino/Rio Grande do Sul, via concurso público, para ministrar a componente de Língua Inglesa, às séries finais, com carga horária de 20 (vinte) horas semanais, na Escola Estadual Heloisa Louzada, onde como lembrança a destacar, organizei e trabalhei com alunos da Escola, com o Grupo Teatral “Pagando Mico”.

Em 1996 após realizar novo concurso público, fui nomeada, para 20 (vinte) horas semanais, para ministrar aulas de Língua Portuguesa, para turmas de quinta a oitava série; sendo que, nesta data, exonerei-me da Rede Municipal de Educação, passando a exercer carga horária de 40 (quarenta) horas semanais, na Rede Estadual de Educação, também na Escola Estadual Heloisa Louzada.

Ao abraçar esta profissão, deparei-me com muitos desafios, que, muitas vezes, somados à falta de expectativas e de oportunidades de crescimento, tornaram-se desencantos; porém, apesar de todos os percalços, contribuí na formação de inúmeros alunos, sempre com ética e caráter, onde desenvolvi minha metodologia de prática pedagógica, dedicando-me e buscando o melhoramento contínuo, bem como a superar-me a cada dia, sem falar das grandes amizades que fiz, ao longo desta profissão.

Em 2010, após 28 (vinte e oito) anos de contribuição à previdência social e com 48 (quarenta e oito) anos de idade, tive a oportunidade de ingressar no Serviço Público Federal, como Servidora Técnica-administrativa em Educação, no *Campus* de Dom Pedrito, da Universidade Federal do Pampa, no cargo de Secretária Executiva.

Entre os anos de 2010 e 2011 realizei o Curso de Especialização em Gestão Escolar, na Portal Faculdades/Passo Fundo/Rio Grande do Sul.

Contudo, minha dedicação à docência permanece forte, eis que, até hoje, mantenho acesa a chama, atuando como voluntária em diferentes projetos do *Campus* de Dom Pedrito.

Neste entendimento atendi ao Grupo Programa de Educação Tutorial/Agronegócio/Campus de Dom Pedrito, com aulas de Língua Inglesa. Também auxiliei, com aulas de reforço de Língua Portuguesa, aos estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Alzira Barcellos, de Dom Pedrito/Rio Grande do Sul, os quais estão inseridos no trabalho transformador da UNIPAMPA/Universidade Federal do Pampa, por meio de projeto de Responsabilidade Social.

Em 2019 tive a oportunidade de começar cursar o Mestrado Profissional em Educação, nesse contexto, o Curso materializou o fortalecimento da UNIPAMPA, a qual foi criada para atender a expectativa e a necessidade da população, visando o desenvolvimento regional.

A meu ver o Programa de Mestrado, ora proposto, contribuiu, na educação das escolas do campo e da educação no Estado, a qual vive um novo momento. Sendo que os docentes, que atuam na Educação Básica, a cada dia vêm buscando formas de se qualificarem.

Antes da UNIPAMPA, em virtude de não haver Ensino Superior Público na metade sul do Estado, o sonho da qualificação profissional ficava muito distante, sobretudo, ao considerarmos que a remuneração dos servidores da rede pública de ensino não comporta o ingresso na rede privada, para se capacitarem.

Acreditei que em curto prazo foi significativa à contribuição do Programa do Mestrado em Educação para fortalecimento da educação no Rio Grande do Sul e, em longo prazo, a relevância será destacada a partir do diálogo a ser travado entre os mestrandos e a sua comunidade de atuação. Na minha formação, a relevância foi sentida de forma imediata, pois transformei minha atuação junto aos Programas de Extensão do Campus, os quais vêm em prol dos futuros professores. Acreditei na importância do Curso de Mestrado Profissional em Educação, pois, além dos conhecimentos adquiridos, existiu o efeito multiplicador de tal ação.

Os mestrandos se qualificaram para melhor difundirem a pesquisa, o ensino e a extensão junto a toda comunidade educacional do RS, orientando e inserindo a temática da educação, além de proporcionar a ampliação da discussão do tema em espaços diversificados.

A significância do mestrado também foi percebida na promoção e divulgação de novos eventos, voltados ao bem comum da comunidade, onde a UNIPAMPA está inserida, atentando para as diferenças individuais, bem como a preocupação para com o meio ambiente, a acessibilidade e a sustentabilidade das ações.

Nesse sentido continuei me envolvendo nas atividades ligadas aos estudantes do curso de Educação do Campo - Licenciatura, desde a sua implantação até os dias atuais; na minha interação com o curso de Educação do Campo – Licenciatura, tenho buscado a oportunidade de conhecer novas práticas e metodologias pedagógicas, a diversidade de saberes e culturas, como aquelas que irei deparar-me no Mestrado Profissional em Educação.

Dessa maneira, agreguei conhecimentos, sempre voltados à linguagem, às questões técnicas de sustentabilidade, educação ambiental, agroecologia, acessibilidade e inclusão, respeitando as diferenças e o meio ambiente e, por fim, toda essa gama de ações enfatizando a responsabilidade social. Igualmente, busquei qualificar minha atuação, produzindo ciência, através da pesquisa, a qual me possibilitou reflexão crítica para a produção de novas estratégias de ação na atuação junto aos professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, auxiliando-os como lidar com as nuances do uso da linguagem na sala de aula.

## 2 METODOLOGIA

O método utilizado foi de cunho qualitativo, considerando que a pesquisa é de intervenção pedagógica, e, sendo definida como uma pesquisa que envolve o planejamento e a implementação das interferências, mudanças e inovações pedagógicas. Também foi utilizada a análise documental (PPPC/EMEFSM e PPC/LECampo) e bibliográfica, onde se pretendeu a partir do contexto peculiar da Escola Municipal Rural de Ensino fundamental Sucessão dos Moraes, estudar a possibilidade da confecção de uma cartilha, com o uso da linguagem, com sugestões de professores da escola que atuam na educação do campo.

Compactuamos com o mestre Paulo Freire quando propõe:

A metodologia que defendemos exige, por isto mesmo, que, no fluxo da investigação, se façam ambos sujeitos da mesma -os investigadores e os homens do povo que, aparentemente, seriam seu objeto. Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela. Poderá dizer-se que o fato de serem os homens do povo, tanto os investigadores, sujeitos da busca se sua temática significativa, sacrifica a objetividade da investigação (FREIRE, 2011, p 137).

Através da ida a campo e análise tivemos subsídios para abordagem e verificação do método apropriado, para a efetivação da pesquisa, para tal, nos apropriamos de feedback sempre que necessário.

Seguindo as fases da pesquisa era hora de formar o grupo de trabalho, convidei colegas interessados em discutir e refletir sobre temas relativos ao espaço da escola, onde estavam inseridos. Então definimos por whatsapp que as seguintes problemáticas seriam pertinentes: bioma pampa, educação do campo e linguagem. Os professores da escola envolvidos na intervenção participariam e contribuiriam com as etapas da pesquisa. O próximo passo foi convidar por e-mail quatro docentes e o meu orientador, que trabalham as temáticas escolhidas, para palestrarem nos encontros da pesquisa de intervenção. Sendo que o grupo de trabalho para a pesquisa de intervenção foi formado por professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, pelo docente orientador, por quatro docentes pesquisadores e pela pesquisadora, os quais foram assim organizados:

### **1º Encontro - 09/08/2021**

Este primeiro encontro foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) a apresentação do PPGEdu pelo Prof. Dr. Jefferson Marçal da Rocha, professor orientador do

projeto; após apresentei a proposta de intervenção aos professores convidados da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes.

Os pontos abordados: desafios que os professores se deparam na escola do campo, principalmente nesta pandemia do COVID-19, onde nem todos os alunos retornaram às aulas presenciais e não têm acesso à internet; a falta de coleta seletiva do lixo na escola, desinteresse dos alunos e falta de apoio dos pais, paixão pela escola do campo e a amizade do grupo.

Nesse encontro os debates foram agregadores aos relatos das participantes que tinham suas expectativas para a construção coletiva da cartilha, que será utilizada de modo interdisciplinar, devido a importância de ser uma ferramenta de apoio para a construção de diferentes saberes.

A discussão trouxe à tona os percalços criados: pelas aulas remotas; a problemática do lixo depositado na escola, até que seja levado para ser descartado; a família muitas vezes não consegue ajudar aos filhos, pois não tem conhecimento; alguns alunos são muito transitórios, permanecendo pouco tempo na escola e a problemática das estradas, que não dá trafegabilidade em dias de chuva.

## **2º Encontro - 10/08/2021**

Foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) pelo Prof. Dr. Algacir José Rigon, Coordenador Acadêmico Campus/Dom Pedrito da Universidade Federal do Pampa, militante do MST, docente no curso de Educação do Campo/UNIPAMPA/Campus Dom Pedrito, que fez um relato sobre as questões que envolvem a Educação do Campo, tanto no que se refere aos aspectos educativos, como políticos, culturais, etc.

Os pontos abordados: discussão sobre educação do campo, luta pela terra, reforma agrária, agronegócio, formação dos camponeses e acesso ao conhecimento e ciência, políticas públicas, MST, agrotóxicos, como se sustentar no campo.

O resultado foi descrito pelos participantes como oportunidade de aprendizagem e compartilhamento de saberes do campo, gerou curiosidade para o nosso terceiro encontro, acesso a alimentação saudável, a questão social da terra, os latifúndios, o trabalho cooperado e associativo, a exploração dos campos nativos, a educação pública e de qualidade, a organização dos trabalhadores como tarefa da educação do campo com a soberania e segurança alimentar.

### **3º Encontro - 11/08/2021**

Foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suzana Cavalheiro de Jesus, (Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, (2015), Professora do Magistério Superior da Universidade Federal do Pampa, docente no curso de Educação do Campo/UNIPAMPA/Campus Dom Pedrito), uma fala sobre Etnias do Bioma Pampa aos professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes.

Os pontos abordados do livro: “Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa, povos ameríndios e tradicionais”, as questões gerais dos povos que habitam o Bioma Pampa/Rio Grande do sul: Guaranis (Mbya, Chiripa, Nhandeva), Kaingang, Charrua, Laklãnõ/Xokleng e Xetá. A relevância da língua falada é de extrema importância para a família linguística de cada etnia, a comida, o parentesco, a demarcação de terras, a organização social, isso define um grupo étnico, e, o solo brasileiro, atualmente é o lar de 253 povos indígenas, com 154 línguas e dialetos falados.

Os resultados do tema abordado foram descritos pelas participantes, que ficaram emocionadas, durante a fala da Prof<sup>a</sup>. Suzana, sobre o batismo das crianças guaranis, realizado com sementes de milho, elevando a espiritualidade. A luta dos guaranis por escolas indígenas situadas e geridas nas aldeias por professores indígenas.

### **4º Encontro - 12/08/2021**

Foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) pelo Prof. Dr. Vinicius Piccin Dalbianco (Doutorado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria, (2016), Professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Pampa, docente no curso de Agronomia/UNIPAMPA/Campus Itaqui), fala e apresentação do Projeto: Pampa, Bioma e sua Gente, através de 55 fotografias com cenários do Bioma Pampa. Foram selecionadas 44 fotos para a apresentação.

Os pontos abordados: crítica a realidade da pampa como espaço vazio, menosprezo a Educação do Campo - Licenciatura, estradas sem trafegabilidade para escolas do campo, contraste de gerações, talentos culturais do campo, fechamento de escolas do campo e texto de abertura da exposição das fotografias.

O encontro foi retratado de maneira brilhante na coletânea de fotos, as quais foram um convite para uma “passada” no campo, mostrando a realidade do gaúcho, nas lidas campeiras, os hábitos, o êxodo rural, a linguagem materna típica do pampa, o gaúcho de hoje e de ontem, através da cultura e das escolas do campo.

### **5º Encontro - 17/08/2021**

Foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) pelo Prof. Dr. Rafael Cabral Cruz, (Doutorado em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (2005), Professor Associado da Universidade Federal do Pampa/Campus São Gabriel), fez relato através do Livro “Uma pequena história ambiental do Pampa: Proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança In: A sustentabilidade da Região da Campanha - RS: Práticas e Teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas”.

Os pontos abordados: surgimento do homem e com sua interação com o Bioma Pampa, o homem descobre o fogo e o usa no final do pleistoceno, o pisoteio e o pastoreio, a charqueada, chegada dos italianos e alemães, revolução verde, arroz irrigado, a perda de biodiversidade e mudanças climáticas.

O encontro foi muito produtivo e enriquecedor, para as participantes. Sendo que o compartilhamento da história trazida pelo Prof. Rafael agregou conhecimento, o sentimento de pertencimento dos campos sulinos e as vivências de 12 (doze) mil anos, como estivessem presentes atualmente, neste Bioma Pampa.

Quando o nível de linguagem que estão contextualizadas e distintas nas interações sociais entre sujeitos oriundos do campo e o mundo, passam pela interpretação e assimilação da mensagem entre eles, ou seja, haverá uma linguagem coloquial, que é falada pelo gaúcho que habita este pampa com sua fonética típica desse espaço, onde ocorre, a sua inserção.

### **6º Encontro - 30/09/2021**

Neste encontro combinamos que seria destinado à apresentação da Cartilha (1ª versão).

Certamente em todo o trabalho coletivo, o diálogo, a partilha das ideias de pessoas que, embora representem diferentes segmentos, possam sentar e expor suas opiniões, com respeito à diversidade e de forma organizada como considera, o Mestre Freire (1986):

[...] O diálogo não existe num vácuo político. Não é um “espaço livre” onde se possa fazer o que se quiser. O diálogo se dá dentro de um algum tipo de programa e contexto. Esses fatores condicionantes criam uma tensão para alcançar os objetivos que estabelecemos para a educação dialógica. Para alcançar os objetivos da transformação, o diálogo implica responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos (FREIRE, 1986, p. 127).

No planejamento das ações cada componente do grupo, junto com a pesquisadora, teve consciência que desempenharam um papel importante na pesquisa de maneira colaborativa, explicitando-se uma postura democrática de coleguismo e compartilhamento dos memos ideais.

As ações foram realizadas através de 06 (seis) encontros, de 01 (uma) hora e o diálogo foi parte destacada nas abordagens sobre a vivência, a importância do Bioma Pampa no espaço em que cada um está inserido, a utilização da língua materna para as comunicações formais e informais nas ações cotidianas e a educação do campo como direito e não esmola, para todos os sujeitos que vivem no e do campo.

Considerou-se que existem diferentes expressões de diálogo dos coletivos, de culturas e variadas formas de manifestação do histórico, dos costumes dos mais velhos da família ou comunidade. Além disso, os próprios educadores possuem expressões culturais em seus territórios de atuação, com os quais compartilham a integração de conhecimentos, experiências educativas, sem distinções étnicas, de gênero, religião ou classe social.

Sendo que através de diálogo e das rodas de conversa, consegui verificar a maneira de como os educadores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, faziam a condução desses temas, sempre respeitando a diferença individual, oportunizando condições para que cada educando se expressasse, priorizando o espaço, o grupo social, a bagagem e a história que cada aluno trazia para o espaço da escola.

Quero ressaltar que devido a pandemia da Covid-19, todas as ações e encontros foram realizados *on line*, através do Google Meet.

Entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indignação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade ensino e atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vinculada pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (MINAYO, 2010).



A metodologia que sustentou este estudo foi a pesquisa intervencionista a partir de conceitos teóricos, pois a curiosidade de pesquisar, confrontar opiniões e aos poucos formarmos nossos conceitos. É tarefa de todo educador, explorando-se as várias formas de aquisições de conhecimentos dos seus educandos. Sendo que através da pesquisa não temos limites, a informação é incorporada aos sentimentos de busca, desafio, mudança e principalmente o da construção criativa, de acordo com Minayo (2010) entende-se por pesquisa:

Na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio-históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise. É um modo de intervenção, na medida em que recorta o cotidiano em suas tarefas, em sua funcionalidade, em sua pragmática - variáveis imprescindíveis à manutenção do campo de trabalho que se configura como eficiente e produtivo no paradigma do mundo moderno (AGUIAR; ROCHA, 1997, p. 97).

Ao utilizar a pesquisa intervenção na área da educação como ação, propus em conjunto com os colaboradores participantes do processo ensino-aprendizagem, que todas as partes da intervenção tivesse o envolvimento do coletivo, desde o planejamento, as possíveis mudanças, as expectativas de inovações, a produção de melhorias, etc. a intensão era que os sujeitos da investigação interventiva se sentissem parte de todo o processo; tive como ponto de partida a elaboração de roteiros discutidos durante as ações desenvolvidas, sendo que as mesmas eram sugeridas tanto pelo pesquisador como pelos demais participantes (SANTOS, 1987, STENGERS, 1990).

O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sóciopolítica, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. O que se coloca em questão é a construção de uma "atitude de pesquisa" que irá radicalizar a idéia (SIC) de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento (SANTOS, 1987, STENGERS, 1990).

A intervenção na área da Educação do Campo, foi realizada com a participação dos professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, houve trocas de vivências e conhecimentos, para que o ensino-aprendizagem fosse construído coletivamente e de maneira prazerosa.

### 3 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

A Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes foi fundada em dezesseis de fevereiro de mil novecentos e oitenta e três (16/02/1983), situada no 3º subdistrito Upacaray em Dom Pedrito/RS, conforme o decreto de criação, tendo como mantenedora a Secretaria Municipal de Educação.

Quadro 1 – Escolas do município de Dom Pedrito - RS

<b>Escolas Municipais</b>	
<b>Escolas meio urbano</b>	<b>Escolas do campo</b>
Escola Municipal de Ensino Fundamental Alcides Maia	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes
Escola Municipal de Ensino Fundamental Alexandre vieira	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Ana Riet Pinto
Escola Municipal de Ensino Fundamental Argeny de Oliveira Jardim	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Estação Vacaiquá
Escola Municipal de Educação Infantil Maria Francisca	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Pedro Bernardo
Escola Municipal de Educação Infantil Tupi Silva	Escola Municipal Rural Manoela Freire
Escola Municipal de Ensino Fundamental Alda Seabra	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Ofanda Jacinto
Escola Municipal de Ensino Fundamental Alcides Maia	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Rufino Silveira Sene
Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque De Caxias	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental da Tala
Escola Municipal de Educação Infantil Beto Severo	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Oscar Pholman
	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Granja do Peral
	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Cruz de São Pedro
	Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Maneco Martins

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Quadro 2 - Escolas estaduais e privadas do município de Dom Pedrito - RS

<b>Escolas Estaduais</b>	
<b>Escolas públicas</b>	<b>Escolas Privadas</b>
Escola Estadual Senador Pasqualini,	Escola de 1º e 2º Graus Nossa Senhora do Horto
Instituto Estadual Educacional Bernardino Ângelo	Escola de Educação Infantil Casinha do Saber
Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora Do Patrocínio	Qwerty Escola de Educação Profissional
Escola Estadual de Ensino Fundamental Coronel Urbano da Chagas	Colégio da URCAMP - Dom Pedrito
Colégio Estadual Cândida Corina Taborda Alves	
Escola Estadual de Ensino Fundamental Heloísa Sarmiento Louzada	
Escola Estadual de Ensino Fundamental Dulce da Fonte Abreu	
Escola Estadual de Ensino Médio Getúlio Dornelles Vargas – CIEP.	
Escola Estadual de Educação Profissional de Dom Pedrito <sup>1</sup>	

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Quadro 3 – Universidades do município de Dom Pedrito - RS

<b>Universidades</b>	
<b>Públicas</b>	<b>Privadas</b>
Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA	Faculdade Anhanguera

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

<sup>1</sup> A Escola Estadual de Educação Profissional de Dom Pedrito, é uma escola do campo, está situada na cidade Dom Pedrito no endereço: BR-293, Dom Pedrito - RS, 96450-000, Brasil.

Figura 1 – Localização do município de Dom Pedrito



Fonte: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-do-estado-do-Rio-Grande-do-Sul-com-destaque-o-municipio-de-Dom-Pedrito\\_fig1\\_346604224/download](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-do-estado-do-Rio-Grande-do-Sul-com-destaque-o-municipio-de-Dom-Pedrito_fig1_346604224/download)

O nosso município de Dom Pedrito se limita ao sul, em curta fronteira, com o Departamento de Rivera/Uruguai. No estado, se limita a oeste com Santana do Livramento, ao norte com Rosário do Sul, com São Gabriel (limite municipal bem curto) e com Lavras do Sul, e, a leste; o limite é com Bagé. O município é servido pelas bacias hidrográficas dos rios Rio Camaquã e Rio Santa Maria, o qual nasce no nordeste do município.

Sendo que o povoamento da região sede iniciou em 1800, emancipando-se em 1872. Inicialmente, denominou-se Nossa Senhora do Patrocínio de Dom Pedrito, posteriormente, passou a chamar-se somente Dom Pedrito, quando a partir de 1888, a sede foi elevada à categoria de município. (Prefeitura de Dom Pedrito).

O município possui uma população estimada em 2018, de 38.589 (trinta e oito mil, quinhentos e oitenta e nove habitantes), conforme estimativa do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a distância rodoviária até Porto Alegre, capital administrativa estadual, é de 441 km. (Prefeitura de Dom Pedrito).

A Escola Municipal Rural Sucessão dos Moraes, na qual foi realizada a pesquisa funcionava na propriedade de um morador antigo do local. Sua construção naquela época era de torrão, com poço de balde e banheiro externo (privada). Sendo que as famílias proprietárias

de terras, ofereciam gratuitamente um local para permanência da escola, e na época, a esposa do proprietário do espaço, era incumbida de preparar a merenda para os alunos. (PPPC da Escola).

E, na mesma época, a escola era frequentada por aproximadamente trinta e oito alunos das mais variadas localidades, cujos acessos eram variados (cavalos, bicicleta, a pé ou de trator). Depois de quatro anos a escola mudou-se novamente e, nesta época, o corpo docente era formado por três professoras. O novo prédio foi construído de madeira, com as tábuas na horizontal, assemelhando-se a casa pré-fabricada, a estrutura ganhou uma Secretaria, que funcionava ao lado, fato este, que mostrava que a escola já dispunha de uma melhor estrutura para atender a comunidade escolar. (PPPC da Escola).

Após a Escola mudou-se para o local atual. Primeiramente sua Sede constava de: duas salas de aula, cozinha e banheiros (um masculino e outro feminino), uma pequena sala para secretaria, que posteriormente foi usada para sala da pré-escola. Sendo que a Sede precisou ser gradativamente ampliada, chegando a atual estrutura.

Conforme o depoimento de descendentes da família, que doou o espaço para a escola, foram homenageados, através do decreto de criação e no nome: Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes.

Sendo que no ano de mil novecentos e noventa e sete (1997) foram nomeadas três professoras para o início da nucleação Escola Polo, no momento a documentação da 6ª e 7ª série é vinculada a Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Anna Riet Pinto, sendo que no ano de mil novecentos e noventa e oito permaneceu assim enquanto arrumavam a documentação para que funcionassem essas séries na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes (PPPC).

Em 1999 a documentação foi regularizada e começou a funcionar o transporte escolar para a escola e foram realizadas ampliações na escola em 29/12/1999, para o funcionamento da nucleação (PPPC).

Nessa etapa a escola passou por um processo de adaptações e adequações muito intenso e aos poucos a nucleação (virou polo), ia tomando espaço, nessa escola de campo, sendo que nesse meio tempo a escola funcionava com mais quatro salas e um espaço para Secretaria da escola, com um banheiro, pátio descoberto, refeitório e área verde.

No grupo do docente havia uma professora que era responsável pela escola e os demais professores, atuavam nas séries iniciais e séries finais, tinha também, uma profissional para preparar a merenda, pois, a escola funcionava já em ritmo de escola polo. Mas, havia muitas dúvidas em relação a esse novo modelo de educação ofertada ao campo, devido à falta

de infraestrutura para receber os alunos, estradas ruins<sup>2</sup> e outras questões pertinentes, sendo que em dias de chuva a escola não funcionava e os pais se preocupavam com essa situação, a qual perdura até os dias atuais.

Hoje a Escola é composta pela equipe diretiva e corpo docente, com as seguintes formações:

---

<sup>2</sup> Em 1999 a documentação da (EMREFSM foi regularizada e começou a funcionar o transporte escolar para a escola, nessa época vinham alunos do Condomínio Xavier, (localizado no Upacaraí/terceiro Subdistrito) e da Estação Experimental (localizada na antiga estrada Dom Pedrito/Livramento/Encruzilhada). (PPPC Escola)

Quadro 4 - Equipe diretiva e corpo docente (EMREFSM)

<b>CARGO</b>	<b>FORMAÇÃO</b>
Diretora	Pedagogia anos iniciais e Especialização Gestão Escolar
Vice- Diretora	Pedagogia em anos iniciais
Supervisora	Matemática Licenciatura Plena, com Especialização em Práticas Educativas em Ciências da Natureza e Matemática
Pré A e Pré B: professora	Magistério
Primeiro Ano: professora	Matemática - Licenciatura Plena e Especialização em Matemática
Segundo Ano: professora	Pedagogia
Terceiro Ano: professora	Magistério
Quarto Ano: professora	Educação do Campo - Licenciatura
Quinto Ano: professora	Ciências da Natureza - Licenciatura
Português de 6º e 7º ano: professora	Licenciatura em Letras 1º e 2º Graus
Matemática 6º, 7º e 8º ano: professora	Matemática - Licenciatura Plena
Matemática 9º ano: professora	Matemática Licenciatura Plena; Especialização em Práticas Educativas em Ciências da Natureza e Matemática
Português 8º e 9º anos: professora	Letras – Licenciatura; Especialista em Biblioteconomia; Especialista em Atendimento Educacional Especializado; Educação Especial e Inclusiva; Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar; Compreensão e Tradução em Língua Espanhola; Mestranda em Educação pela Unipampa/Campus Jaguarão
Ciências 6º ao 9º ano: professora	Ciências - Licenciatura
História 6º ao 9º ano: professora	Licenciatura em História; Educação do Campo - Licenciatura
Educação Física do 6º ao 9º ano: professor	Educação Física – Licenciatura/Bacharelado.
Arte do 6º ao 9º ano: professora	Licenciatura/Bacharelado em Artes Visuais; Bacharelado em Administração de Empresas; Cursando Especialização em Libras e Especialização em Arte
Geografia do 6º ao 9º ano: professor	Licenciatura em Geografia; Pós-Graduação em Educação Ambiental; Pós-Graduação em Atendimento Escolar Especializado

Fonte: Direção da Escola

Atualmente a escola possui 11 turmas e um total de 81 alunos.

Quadro 5 - Número de turmas e de alunos (EMREFSM)

<b>Turma</b>	<b>Nº de Alunos</b>
Pré A	03
Pré B	03
1º ano	08
2º ano	07
3º ano	07
4º ano	09
5º ano	08
6º ano	11
7º ano	10
8º ano	10
9º ano	05
<b>Total de alunos</b>	<b>81</b>

Fonte: Direção da Escola

Atualmente a escola possui 20 servidores, sendo:

Quadro 6 – Número de Servidores

<b>Servidores</b>	Professores	17
	Funcionárias	02
	Merendeiras	01

Fonte: Direção da Escola

### 3.1 Diagnóstico

Segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso (PPPC) da Escola e da Secretaria Municipal de Educação, a Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, foi fundada, conforme decreto, em dezesseis de fevereiro de mil novecentos e oitenta e três (16/02/1983) com localização no 3º subdistrito de Upacaray /Dom Pedrito/RS.

Fui informada pela supervisora das escolas municipais rurais de Dom Pedrito, que as escolas rurais não possuem o número de alunos exigidos para serem avaliadas pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

A comunidade escolar também enfrenta dificuldades em acessar internet e usar telefones, causando vários transtornos na comunicação cotidiana, onde muitas vezes, precisam se deslocar em grandes distâncias e subirem em locais elevados para terem acesso ao sinal.

Em visita à Escola ensejei que esta pesquisa tivesse relevância para os professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, pois a reflexão sobre a



importância da utilização da linguagem de maneira apropriada para o ato de ensinar e compartilhar conhecimentos, para a profissão de educadores, inseridas nas práticas pedagógicas, é importante para melhores resultados dos processos ensino-aprendizagens.

A diretora e a supervisora levaram-me para conhecer a escola, que foi recentemente pintada, possui salas amplas, limpas e com luminosidade natural. Fiquei chocada e muito sensibilizada, ao saber que a escola não possui saneamento básico, sendo que a água para consumo é levada da cidade, uma vez por semana, este fato causou-me grande desconforto, por estarmos no ano de 2021 e episódios bizarros, como esse, ainda acontecerem.

As gestoras me mostraram os 02 (dois) poços existentes no pátio da escola, que foram contaminados e inutilizados pelo esgoto, a mantenedora realizou diversas análises da água dos poços, e, desviou a saída do esgoto para outro local, mas, esta providência não logrou êxito.

Relatei como seria importante para a comunidade escolar possuir uma horta, feita, cuidada e cultivada pelos alunos e professores, caso houvesse saneamento, pois agregaria valor à merenda servida aos alunos, onde os professores a utilizariam como ferramenta para o ensino-aprendizagem, para falar do meio ambiente, ecologia, Bioma Pampa, sustentabilidade para sociedades sustentáveis, cidadãos conscientes de sua responsabilidade global e de outros temas afins e relevantes.

Ao me deparar com duas lixeiras nos fundos da escola, perguntei se era realizada a coleta seletiva do lixo, as gestoras informaram-me, que uma vez por semana a mantenedora, faz a retirada do lixo do local, sugeri que fosse proposto um projeto de reciclagem do lixo, a ser desenvolvido junto à comunidade escolar.

Sendo que apesar de alguns problemas que a estrutura da escola apresenta (falta de saneamento básico, boas estradas, horta), a comunidade escolar sabe que a educação é um direito.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico revisitou os seguintes temas: linguagem, bioma pampa e educação do campo.

### 4.1 Bioma Pampa: a formação social, histórica, ecológica e econômica

Com o surgimento do homem e com sua interação aos espaços, há mais de 12.0000 (doze mil) anos, se percebe, pelos registros geológicos e antropológicos, uma série de transformações nos biomas, no nosso bioma pampa, isto não foi diferente. Em todos os biomas houve uma dialética e complexa integração entre os mais variados fatores (climáticos em especial), que proporcionaram, em diferentes níveis, a adaptação da espécie humana com a ecologia de cada lugar.

O bioma pampa era muito frio e seco no final do pleistoceno, não existiam árvores, nem matas ciliares, a fauna era totalmente diferente do que vemos hoje, e, o pastejo e o pisoteio, realizados pelos animais, causavam fragmentação da biomassa, onde a vegetação geófito, prosperou, sobreviveu ao pisoteio das manadas, rebrotando de dentro do solo, novas espécies de vegetação adaptadas (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L, 2010).

Pelos registros históricos, vemos que os primeiros habitantes do que hoje chamamos de pampa, foram os indígenas da tradição Umbu, que se instalaram no Sítio do Vale no Rio Ibicuí, vindos dos Andes, caçavam em grupos, em ambientes abertos e gastavam muita energia nas caçadas, utilizavam como instrumento de caça as denominadas, hoje, boleadeiras. (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L, 2010).

Fatores muito parecidos do que se percebe nos registros encontrados da savana africana, onde o homem observa os incêndios naturais, e percebe o fogo, e o usa, após essa utilização, cresceu a população e geração de alimentos e o clima começou a mudar.

Quando o *homo sapiens* utilizou o fogo, lanças e boleadeiras para caçar os grandes animais no final do pleistoceno e saiu do território africano, se espalhando por todo o planeta, o qual foi povoado pelo ser humano, gerando assim, o primeiro grande ciclo de transformação ambiental do Pampa (a caça, o fogo, a mudança do clima, a introdução de espécies exóticas e extinção da megafauna pampeana), com a ocorrência dessas transformações, intervenções e infiltrações nesses espaços, que eram anteriormente, intocados.

Então a cerca de 8000 (oito mil) anos o pisoteio dos grandes mamíferos diminuiu e a vegetação campestre foi substituída, por outra, que era adaptada para sobreviver ao fogo.

Depois deste breve relato sobre o período de escala geológica, passamos a fazer uma análise do período histórico dos séculos da expansão das navegações, sendo que no ano de 1605 surgem as primeiras missões jesuíticas no território, que hoje é o RS. Eram povoados indígenas criados e administrados por padres jesuítas no Brasil Colônia, entre os séculos VI e VIII. Tendo como principal objetivo catequizar os indígenas e expandir o domínio da coroa ibérica para as terras ainda inexploradas. Para que adotasse a fé cristã, a população indígena tinha de ser instruída e ganhava conhecimentos de leitura e escrita. Além disso, os indígenas reunidos nesses aldeamentos não eram escravizados, como geralmente ocorria em outros lugares. Eles viviam do cultivo da terra, se valendo de técnicas agrícolas ensinadas pelos religiosos (PESAVENTO, 2014).

O Rio Grande do Sul foi incorporado tardiamente ao Brasil colônia, através das expedições e o comércio de pau-brasil, que ocorreram até o litoral do extremo sul brasileiro, recebeu o nome dado as costas gaúchas de Rio Grande de São Pedro. Entretanto, a Europa estava passando do feudalismo para o capitalismo, cujo sistema permitia acumular riquezas advindas da exploração das colônias (riquezas minerais e açúcar).

No século XVII durante o domínio espanhol, homens escravizados de etnia africana, eram a mão de obra, mas com a escassez de escravos, o indígena era caçado para suprir a falta, fator que desencadeou a fuga dos jesuítas para o território rio-grandense, em 1626, originando assim, as Missões Jesuíticas do “Tape”, onde os indígenas trabalhavam com a agricultura e criação de gado em estâncias (PESAVENTO, 2014).

Em 1682 os jesuítas fundaram os Sete Povos, que tinham na produção de erva-mate, sua economia (São Borja, São Nicolau, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo) e surgia a nova reserva de gado: “Vacaria dos Pinhais” ou “Campos de Vacaria”.

Com o tempo, muitas missões prosperaram e acabaram virando uma ameaça à centralização de poder pretendida pela Coroa. Resultado: em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil, acusados de controlar um "Estado dentro do Estado" e de insuflar os Guaranis contra o domínio português (PESAVENTO, 2014).

Quando foi reestabelecido o tráfico negreiro, os indígenas e os jesuítas foram para a outra margem do rio Uruguai, deixando os rebanhos abandonados em reservas (Vacaria Del Mar), a qual originou a economia do solo gaúcho: a preia do gado xucro.

Quando terminou o domínio espanhol, o Império Colonial de Portugal voltou-se para o Brasil, visando maior lucro com sua colônia, partindo para a exploração do extremo sul, sendo a Região do Prata muito atrativa para suas atividades de comércio ilícito.

A rota de Buenos Aires ou Sacramento fora utilizada pelos portugueses de Sacramento, pelos indígenas aldeados e pelos que trabalhavam por conta, para enviar o couro, que era retirado do gado xucro e enviado para a Europa, aos que pagassem mais. (PESAVENTO, 2014).

No final do século XVII, o colonialismo do Brasil, foi modificado com a mineração, surgindo o comércio interno no Brasil, trazendo paulistas e lagunistas para o Rio Grande do Sul. Entretanto, no século XVIII, originou-se o processo de distribuição das sesmarias (terras devolutas), a posse da terra e do gado (PESAVENTO, 2014).

Com todas essas transformações, acredita-se que, senão fosse o manejo humano, as florestas teriam tomado conta do campo e o gaúcho teria atualmente mata atlântica, em vez de bioma pampa (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L, 2010).

Alguns fatores ocasionaram a pampa atual, sendo um deles, o surgimento da charqueada, pois, o gaúcho caçava e pegava o que precisava: o sebo, o couro e a carne, nesta ordem, deixando o gado bravo se deteriorando no campo. Então com o advento das charqueadas, passou-se a salgar a carne, que os tropeiros levavam para Minas Gerais e centro do país, para a alimentação dos escravos que trabalhavam nas minas. (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L, 2010).

O manejo da lotação foi de grande importância, sendo que em 1870, com o cercamento das propriedades, havia a efetivação do controle populacional do gado.

Com esse controle os geófitos começaram a brotar, oportunizando o nascimento de campos com alta diversidade no bioma pampa, com mais de 400 espécies de gramíneas e 150 de leguminosas.

Essa série de fatores originou o gaúcho que foi nascido na pampa, na vegetação pré-humana, no manejo humano e na volta dos grandes herbívoros, formando o nosso bioma pampa, onde somos herdeiros das tribos dos índios: Umbus, Minuanos e Charruas (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L, 2010)

Um novo contexto que iria influenciar a economia e a formação étnica do nosso Estado e conseqüente do Bioma Pampa, foi a partir da década de 1950 com a chegada dos italianos e alemães, que adotaram a agricultura da indústria de grãos (agronegócio).

Com o fim da segunda guerra mundial a indústria da guerra, agroquímica e a agromecânica, passaram a ter outros objetivos adaptáveis à agricultura, como: fabricação de tratores e de máquinas agrícolas, adubos para a agricultura, sendo que este período foi denominado como 'revolução verde', com novas tecnologias e técnicas utilizadas pelo

produtor, até seu destino: o consumidor, a qual proporcionou grande transformação do bioma pampa (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L, 2010).

O arroz irrigado começou nas várzeas, introduzido no bioma pampa, pelos moradores de origem italiana, da Quarta Colônia, que alugavam as várzeas dos proprietários de terra para o plantio e cultivo do arroz. As áreas úmidas e os banhados começaram a ser enxutos e a mata ciliar foi destruída pelos plantadores de arroz, que cortavam as árvores, que ficavam no entorno e na beira dos rios para fazerem a lenha, que era utilizada pelas locomóveis. (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L, 2010).

A floresta quando plantada, toma conta dos campos nativos, no bioma pampa, a área remanescente da pampa, somente 25 % dela está conservada; os 75% restantes são campos desgastados e de baixa diversidade, que necessitam de socorro, de serem refeitos. (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L, 2010).

No contexto das etnias indígenas do Bioma Pampa, atualmente temos os seguintes grupos étnicos, de acordo com as fronteiras e os sinais diacríticos: Guaranis (Mbya, Chiripa, Nhandeva), Kaingangs, Charrua, Laklãnõ/Xokleng e Xetá. Para os Guaranis e Kaingangs a língua é de extrema importância, a comida, o parentesco, a organização social, isso define um grupo étnico, e, no Brasil, há hoje, 253 povos indígenas com 154 línguas e dialetos. (MAZURANA, DIAS, LAUREANO, 2016).

Neste contexto “povos indígenas” é um termo colonialista e socialmente aceito, como identidade, como povos originários; e, não os termos pejorativos: tribo, índio e bugre.

Os indígenas fugitivos eram chamados de bugres, porque se escondiam no mato, evitando assim, a pacificação e conquistas e os bugreiros eram pagos, e atuavam matando os indígenas fugitivos. (MAZURANA, DIAS, LAUREANO, 2016).

Na reserva da Guarita/RS existe a maior concentração de povo Kaingang e um setor do povo Guaraní, sendo que na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA/Campus Dom Pedrito, há 20 estudantes Kaingang, oriundos desta terra indígena.

Para classificação mais usual dos grupos étnicos indígenas, utilizamos a Linguística, nessa ordem, sendo: o tronco linguístico, famílias, línguas e dialetos (MAZURANA, DIAS, LAUREANO, 2016).

A economia do Rio Grande do Sul é essencialmente primária e, no município de Dom Pedrito não é diferente das demais da Metade Sul do RS.

A história desde sempre nos mostrou que a economia sempre esteve atrelada à pecuária, que foi, e, é a protagonista, no cenário da metade sul do Rio Grande do Sul onde poucos detinham imensas fortunas; em detrimento da grande maioria. (ROCHA, 2011).

Em termos ecossistêmicos é peculiar, pois é formada pelo denominado Bioma Pampa. A 'Pampa' é a única grande área natural restrita a um único estado brasileiro, o Rio Grande do Sul. Este bioma avança para o Uruguai e a Argentina, sendo exclusivo do sul da América do Sul (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L., 2010).

Temos no Rio Grande do Sul, as seguintes áreas de proteção ambiental (APA), que visam conservação das várias espécies da fauna, da flora, dos animais, que têm seus habitats no Bioma Pampa: a Reserva Biológica do Ibirapuitã, Parque Estadual do Espinilho, Reserva Biológica Ibicuí Mirim, APA Delta do Jacuí, Parque Estadual Delta do Jacuí, Reserva Biológica de São Donato, Parque Estadual de Itapuã, Parque Estadual do Camaquã, APA Banhado Grande, Reserva de Vida Silvestre, Banhado dos Pachecos e Parque Estadual do Podocarpus (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L., 2010).

Quando o solo do Bioma Pampa, foi comprometido devido ao uso inadequado e de perturbações causadas pelo homem, com o avanço das culturas sobre as coxilhas, causam transformações relacionadas à erosão, a substituição de um ecossistema de campo nativo por outro de agroecossistema, a perda de biodiversidade, a proliferação de pragas, a eutrofização e contaminação de ecossistemas terrestres e aquáticos, alteração do regime de fluxo basal, porque praticam uma agricultura, que substituiu um ecossistema por outro, segundo (CRUZ, R. C., GUADAGNIN, D. L., 2010).

Diferentemente dos ciclos anteriores, que tenderam a novos padrões de estabilidade ajustados a diferentes regimes de perturbações, este novo ciclo envolve a substituição do ecossistema de campo por outro ecossistema: o agroecossistema. É um regime de perturbação tão intenso que descaracteriza completamente o sistema de campo (CRUZ e GUADAGNIN, 2010, p. 168).

Sendo que a partir do século XX o uso e a exploração das riquezas dos campos sulinos, na cultura local e nos interesses políticos, fragilizaram ações da região em gestão e educação ambiental, sustentabilidade ambiental, ocupação do solo, desenvolvimento rural, utilização dos meios de produção da região para que houvesse a solidificação da agricultura familiar sustentável da Campanha.

No Bioma Pampa com o manejo correto das zonas agrícolas será possível melhorar a fecundidade do solo, mantendo a biologia do espaço em todo o ecossistema, quando o homem se dá conta que um organismo existe em abundância, é porque está inserido em espaço e clima propícios para tal; mas, quando vê o avanço das lavouras e mau uso dos manejos, se percebe que foi restringido o aparecimento de várias espécies nativas, mas as invasoras sobrevivem e tomam conta do espaço (DEBLE; DEBLE; LEÃO, 2011).

Quando os manejadores utilizam de maneira consciente, os conhecimentos adquiridos sobre os ecossistemas campestres, as práticas de pastejo e de fogo, as quais foram transmitidas através da oralidade da linguagem de pai para filho, realizará ações ecologicamente corretas, economicamente viáveis e sustentáveis, respeitando o meio ambiente, nestas atividades rotineiras e inerentes ao seu cotidiano, realizando ações de preservação do meio ambiente e da biodiversidade do Bioma Pampa, de acordo com (DEBLE; DEBLE; LEÃO, 2011).

A definição de estratégias adequadas de manejo das pastagens naturais, no entanto, deve levar em consideração o conhecimento da dinâmica de comunidades campestres sobre diferentes intensidades de pastejo/ou queima, em diferentes escalas (DEBLE; DEBLE; LEÃO, 2011. p. 79).

Neste contexto há necessidade de se refletir sobre políticas públicas, que pretendiam sanar as demandas dos menos favorecidos, de como impulsionar o crescimento da região, diminuindo a degradação do meio ambiente, a destruição dos recursos naturais e o desequilíbrio ecológico, a fome, a desigualdade e o êxodo rural.

No seu aspecto econômico e social, foi a partir da década de 1980, tanto no meio acadêmico como no político, que começou uma discussão mais concreta sobre a estagnação econômica da Metade Sul do RS. Este fato decorreu como resultado de alguns processos macroeconômicos, como a crise da pecuária e agricultura, a implantação do MERCOSUL e especialmente o impacto da abertura econômica neoliberal, ditado no Brasil pelas circunstâncias internacionais de globalização da economia mundial (ETGES, 2016; ROCHA, 2011).

Como complemento, pode-se dizer, que “toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja natureza”, e, isso é um dos pilares das relações sociais, produtivas, espirituais e culturais (PESAVENTO, 2014).

Para acentuar os danos impostos à natureza no Bioma Pampa, observamos que o crescimento da população em ritmo acelerado, durante o último século, com as gritantes desigualdades, geradas de modo avassalador, que vai de encontro às profundas transformações impostas ao meio ambiente (ROCHA, 2011).

Tudo isso tem afetado direta ou indiretamente o ambiente, o nosso bioma, o meio no qual estamos inseridos, uma vez que essa é uma das questões centrais da problemática atual, devido sendo que no momento em que a evolução humana, através dos tempos, tenta de alguma maneira equilibrar os ecossistemas, que ela própria destrói e altera, faz-se necessário um olhar mais apurado para a maneira de como os processos são conduzidos através de práticas elucidativas e educativas, inseridas no contexto da educação do campo e voltadas para a coletividade, maior harmonia entre os seres humanos e com outras formas de vida (ROCHA, 2011).

Percebemos que o paradigma do progresso, do desenvolvimento econômico, do estímulo ao consumismo desenfreado e destrutivo das forças de produção, tem como objetivo, apenas gerar lucro, deixando de lado as necessidades fundamentais dos indivíduos como emprego, saúde, educação e igualdade social, priorizando a produção em massa, a competitividade e o custo do trabalhador, sem dar importância de como é buscado.

Para finalizar é válido visualizar o mapa com o registro da variedade ecossistêmica do nosso Bioma, em apenas uma área geográfica, perto da cidade em que moro: Dom Pedrito.

Figura 2 - Mapa do Bioma Pampa/Rio Grande do Sul



Fonte: <http://snif.florestal.gov.br/>

Fotos tiradas pela autora em saída de campo no Bioma Pampa, no 2º Subdistrito de Picada das Pedras – Dom Pedrito/Rio Grande do Sul, em 23/02/2020.



## 4.2 Educação do Campo

Não podemos falar em educação do campo, sem falarmos dos movimentos sociais e da reforma agrária. Sendo que através dos movimentos sociais, como o MST, temos consequências positivas para a sociedade, especialmente por que está entrelaçada a conquistas como educação, melhores condições de saúde, soberania alimentar, dentre outros direitos importantes. Observamos que na medida em que os movimentos sociais encorajam a reforma agrária e suas conquistas específicas de terra, crédito rural, condições adequadas de produção e assistência técnica, também refletem outros direitos fundamentais ao desenvolvimento da cidadania, a saber, educação, saúde, bem como uma consciência em relação às políticas de estado que endossam uma sociedade de classes e desigualdade, a exemplo da perspectiva neoliberal (TEDESCO, 2018).

Quando a migração rural/urbana passou a ser vista como uma barreira, já que a concepção de uma escola única igualmente para área urbana e rural, com ensino diferenciado, com assuntos especificamente ligados à classe rural, ficou limitada à transmissão dos conhecimentos já elaborados e levados aos alunos da zona rural com a mesma metodologia usada nas escolas da cidade (BRASIL, 2002).

Sendo que a educação rural e a educação do campo são conduzidas para as mesmas populações, mas, com objetivos e interesses que não possuem nada em comum.

A Educação do Campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo neste sentido, mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições de existência social e com as realizações da sociedade humana. Portanto, investir na qualidade da educação nacional significa dar continuidade às políticas educacionais que promovem a capacitação dos professores e inovem a gestão escolar e as práticas pedagógicas nos diferentes espaços educativos (BRASIL, 2002, p, 08).

A pauta histórica e o contexto da luta de alguns movimentos sociais organizados, dentro da concepção de educação do campo, tais como: Via Campesina, Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), e, principalmente, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é a disputa pelo uso e posse da terra e por uma reforma agrária ampla (TEDESCO, 2018).

Sendo que a origem dos movimentos sociais, com destaque para o nascimento do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), no período da redemocratização do Estado

brasileiro, com o fim da ditadura militar, sendo um contraponto a defesa da propriedade privada, pois o movimento vê a terra em sua função social, terra enquanto vida e terra na sua relação com o trabalho, terra como lugar de produção de alimentos.

Os camponeses buscam serem tratados com justiça, serem reconhecidos como cidadãos e sujeitos atuantes, como pessoas que fazem história, e que a ausência da distribuição justa de terras por meio da reforma agrária, não vai fazer o camponês ficar calado, pelo contrário, seus gritos serão ouvidos mesmo que a integração, participação seja difícil na sociedade política e econômica, do jeito em que está posta (TEDESCO, 2018).

Com o passar do tempo, os camponeses e as famílias dos pequenos agricultores enfrentam a problemática do êxodo rural, devido ao descaso, a pobreza da safra dos pequenos produtores, que tomam empréstimos bancários, se submetendo ao voraz capitalismo.

Sendo que as reivindicações de movimentos sociais do campo, que se concretiza como parte de uma luta maior, por um projeto popular educacional que considere os sujeitos do campo, fortalecendo sua identidade e promovendo seu desenvolvimento “(...) trata-se de uma educação dos sujeitos do campo” Caldart (2002, p.28) bem como, as problemáticas por eles vividas.

(...) a afirmação deste traço que vem desenhando nossa identidade é especialmente importante se levamos em conta que a história do Brasil, toda vez que houve alguma sinalização de política educacional ou projeto pedagógico específico isto foi feito para o meio rural e muita poucas vezes para os sujeitos do campo como sujeito da política e da pedagogia, sucessivos governos tentaram sujeitá-los a um tipo de educação domesticadora e atrelada a modelos econômicos perversos (CALDART, 2002, p.28).

Exatamente porque o campo tem sido no Brasil, um espaço de exploração e produção em larga escala, especialmente no sentido das monoculturas, e desconsiderando além das questões relativas à biodiversidade ambiental, as pessoas, culturas e relações sociais/culturais presentes nesse espaço. É no campo que desde a colonização, aparecem com certa clareza, dois projetos antagônicos, paradigmáticos de produção: a vertente do agronegócio e, com maior ênfase recente, a vertente agroecológica.

Quando os coletivos de maneira organizada, lutam e buscam bases para que os sujeitos do campo tenham acesso à escolarização, como fator emancipatório, contribui para ratificar a especificidade da educação do campo (CALDART, 2019).

Apesar de todos os entraves como a falta de professores com formação inicial e continuada, transporte, infraestrutura, fechamento de escolas rurais, abertura do capital

internacional para usos e abusos; podemos dizer que a educação do campo, é o alicerce para que os sujeitos tenham consciência de ser cidadão crítico e emancipado (SIMÕES, 2017).

O nascimento da Educação do Campo foi graças a ações incansáveis dos movimentos sociais, sindicais, do MST paralelo à luta pela reforma agrária.

Conforme Stédile (1977, p.9) “o MST é um movimento de massas que se organiza para conquistar basicamente três objetivos: terra, implantação da reforma agrária e mudanças sociais em nosso país”.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra teve sua origem em 1984, no contexto da redemocratização do Brasil. Nesse interim no ano de 1985, se realizava o 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - “Terra para quem nela trabalha”, que adotou o discurso socialista e organizava as lutas pelos assentamentos rurais e as desapropriações dos latifúndios. Neste mesmo ano de 1985, no governo José Sarney é lançado o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) que é rechaçado pela União democrática Ruralista (UDR), pela Sociedade Rural Brasileira (SRB) e pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA), conseguindo através de pressões políticas, esvaziarem as políticas do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA). Iniciava-se assim um processo de luta também das classes sociais, trabalhadores e os donos de grandes propriedades, latifúndios e seus representantes no Estado (Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a. XVIII, N. 203, ago. 2000).

Muitas dificuldades são enfrentadas pelos movimentos sociais mobilizados e organizados: como o coronelismo, ações paramilitares no campo, custo de vida inflacionado, desemprego e o êxodo rural, que no ano de 1986, respaldaram a reforma agrária, na Campanha Nacional pela Reforma Agrária.

Na década de 80 tudo caminhava para a nova redemocratização do país e as esperanças do povo rural brasileiro, com a Constituição Federal de 1988 (art.184), que determinava a possibilidade de que a União desapropriasse para fins de Reforma Agrária, terras rurais que não estivessem sendo utilizadas, as quais deveriam ser repassadas aos camponeses para que exercessem a sua função social e seus direitos com autonomia, para que legitimassem a posse e uso da terra para o sustento das famílias e do coletivo.

No contexto de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na década de 1990 de nossa retomada histórica, verifica-se que a conjuntura política da época, o sistema capitalista e o modo de produção ainda permitiam que os arrendatários e posseiros permanecessem gerenciando as propriedades rurais. Com o passar do tempo devido ao êxodo rural, os segmentos urbanos se agregaram às lutas do coletivo no movimento dos sem-terra,

tendo como resposta aos poderosos em 1990, a realização do II Congresso Nacional do MST, com o lema: “Ocupar, Resistir e Produzir” (Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a. XVIII, N. 203, ago. 2000).

O lema do II Congresso visava combater a violência armada no campo, controle dos preços abusivos dos produtos que chegavam à mesa dos brasileiros, dentre outros. A estratégia adotada foi a do cooperativismo para que sua eficiência balizasse e legitimasse o que era produzido coletivamente nos assentamentos rurais. Novas desapropriações para assentamentos rurais, criação de empregos e de créditos para os pequenos agricultores se fez muito pertinente, porque as políticas públicas existentes, não contemplavam de forma satisfatória os agricultores familiares.

Nos anos de 1990, o neoliberalismo atinge no mundo seu ponto mais alto, o Estado já não controla tanto a economia e a sociedade, sendo passada estas ações às mãos da iniciativa privada. Novas discussões são propostas e em 1995 surge o III Congresso Nacional do MST, com o lema: “Reforma agrária para todos”, os camponeses gritam por terra para quem trabalha e mora no campo, ou na cidade. Projetando os sujeitos para que exerça a cidadania, a autonomia, o socialismo, o cooperativismo, a justiça social, valorizando a sustentabilidade e o meio ambiente (TEDESCO, 2018).

A reforma agrária e a cidadania estão ligadas na busca de promover uma educação ambiental, agroecológica e sustentável, conforme ações divulgadas na “Carta da Terra” - documento produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e por entidades que lutavam pela causa do meio ambiente.

Vários eventos aconteceram no governo de Fernando Henrique Cardoso, em que violência se intensificou contra os integrantes do MST e o governo estabeleceu uma política de compra e venda de terras, realizadas pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) e, também foi criado o Ministério do desenvolvimento Agrário (MDA) para a organização, criação e estabelecimento de novos assentamentos rurais. Desde sempre a história nos aponta que as terras brasileiras eram usadas pelos indígenas, nossos primeiros habitantes e que de maneira arbitrária fora distribuída, através das capitânicas hereditárias. (Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a. XVIII, N. 203, ago. 2000).

Sendo que esta distribuição de terras era realizada entre os posseiros de confiança da coroa portuguesa. Para tal foi adotado em Portugal em 1375, a Lei das Sesmarias e posteriormente a Lei das Terras, a qual regravava que a maioria das terras brasileiras ficaria nas mãos de poucos donos. Os povos originários e os afrodescendentes lutavam pela posse das

enormes extensões de terra e pela liberdade, lutando pelo Brasil afora nas lutas de: Canudos, Contestado, Cangaço e os Quilombos.

Em 1950 os camponeses estavam se organizando, através das Ligas Camponesas, da União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (UTAB), do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e dos movimentos autônomos, sendo estes movimentos silenciados pela ditadura civil/militar. Apesar da Reforma Agrária ser o motivo destas lutas, buscava-se reforma social e emancipatória em nosso país. Conforme o (Estatuto da Terra de 1964, em seu artigo 1º):

Muitas conquistas sociais, hoje ‘quase’ inquestionáveis foram conquistas dos movimentos sociais, principalmente do (MST) e, para fins de reforma agrária, além da garantia da posse da terra, o assentamento também é instituído de forma precária, pois as condições mínimas de produção, tais como acesso a crédito, assistência técnica e infraestrutura básica, também previstas na legislação, não lhe são garantidos (BRASIL, 2004).

Dentro do contexto das lutas sociais a da Educação do Campo, mesmo com as diferenças entre entidades e órgãos públicos, foi-lhe garantida uma política pública, que se tornou pioneira no processo de formação de professores do campo, que pode ser verificada na II Conferência Nacional por uma Educação do Campo (II CNEC, 2004), cujo número de entidades que assinaram a Declaração Final era de aproximadamente quarenta, foi concretizada, destacando duas premissas essenciais:

[...] a importância da inclusão da população do campo na política educacional brasileira, como condição de construção de um projeto de educação vinculado a um projeto de desenvolvimento nacional, soberano e justo; na situação atual está inclusão somente poderá ser garantida através de uma política pública específica [...]; - a diversidade dos processos produtivos e culturais, que são formadores dos sujeitos humanos e sociais do campo e que precisam ser compreendidos e considerados na construção do projeto de Educação do Campo (BRASIL, 2004, p. 3).

Sendo que a Educação do Campo difere dos demais cursos, por oferecer a organização curricular, em Regime de Alternância a qual prevê dias letivos divididos em Tempo Universidade e Tempo Comunidade, com etapas no Campus/Universidade e etapas vivenciadas no próprio ambiente social e cultural dos estudantes, sendo que as Licenciaturas em Educação do Campo devem apresentar organização curricular por etapas equivalentes aos semestres regulares cumpridas em Regime de Alternância entre Tempo Universidade e Tempo Comunidade (BRASIL, 2004).

A organização em Regime de Alternância visa possibilitar que aqueles, os quais vivem e trabalham no campo ou que aspirem a esta condição, possam vivenciar o Ensino

Superior e experienciar, a partir da realidade da comunidade, tanto os conteúdos universitários, a que estão tendo acesso, quanto retornar, à própria Universidade, os saberes, dilemas, problemas, tensões e contradições da vida cotidiana. Segundo Brasil (2004):

Entende-se por Tempo-Escola [Tempo-Universidade] 15 os períodos intensivos de formação presencial no *campus* universitário e, por Tempo Comunidade, os períodos intensivos de formação presencial nas comunidades camponesas, com a realização de práticas pedagógicas orientadas (BRASIL, 2004, p. 12).

Várias ações de organização escolar, pedagógica e de formação inicial de professores foram desenvolvidas, para que a educação básica fosse expandida e que contemplasse às comunidades que moram e trabalham no campo.

Com o advento do Parecer do Conselho Nacional de Educação foi dado o início da caminhada para a solidificação da formação inicial para os cursos de Licenciatura, o qual marcou época na Educação Básica Brasileira, segundo: (Portal MEC, p 1 a 3).

A premissa de oferecer formação inicial para professores através de cursos de Educação do Campo - Licenciatura, àqueles que atuam nas escolas do campo, para que possam trabalhar com séries finais da educação básica e no ensino médio, atuando em suas respectivas áreas de conhecimento. Sendo que com estas ações trouxeram equilíbrio, ante a realidade da educação oferecida às comunidades que moram no campo, que são contemplados com a educação básica, de maneira desigual nas comunidades rurais.

A política da Educação do Campo tem sido relegada, mesmo com o advento da LDB 9394/96, e, por vezes é tratada no cenário da exclusão, na falta de oportunidades para os camponeses, para os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caiçaras, pequenos agricultores, atingidos por barragens, trabalhadores rurais sem-terra, entre outros (Brasil, 2002).

Foi a partir do I Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), realizado no ano de 1997, que se consolidou uma Articulação Nacional comprometida em atuar no âmbito das políticas públicas para a educação do campo, no Brasil. Desta trajetória, culminaram alguns documentos importantes, dentre os quais as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica no Campo (BRASIL, 2002).

Sendo que através do Ministério da Educação (MEC) foram implantadas as seguintes políticas públicas: o Programa Universidade para Todos (PROUNI), Ensino à Distância, Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Programa de Residência Pedagógica, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEB), Plano Nacional de

Educação (PNE), Fórum das Licenciaturas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), pós-graduação na área da educação, tentando contemplar com essa educação continuada a todos os professores que procuram conhecimento e atualização, pois no olhar da Educação do Campo, há o anseio de que seus licenciados produzam conhecimentos vivenciados na rotina comunitária e coletiva, no seu espaço de docência no campo e do campo.

A perspectiva da inclusão social trouxe boas novas para as classes populares, especificamente às populações camponesas, por meio de algumas Políticas Públicas, incluindo os Cursos de Educação do Campo, voltados para atender às demandas desse público que historicamente ficou alijado da atenção dos governos. A formação de professores e a educação são o alicerce desse projeto cujo objetivo, além de oferecer formação pública, gratuita e de qualidade (acesso ao saber produzido historicamente pela humanidade), é a constituição de uma sociedade democrática, livre das desigualdades sociais e dos processos segregatórios. (RIGON, 2020, p. 310).

A construção de uma política de educação do campo para as diversas populações do campo, entre elas: camponeses, os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caiçaras, pequenos agricultores, atingidos por barragens, trabalhadores rurais sem-terra, entre outros, é atribuição do Ministério da Educação em conjunto com movimentos sociais e sindicais do campo, que só evidenciam e reconhecem a dívida do poder público em relação ao direito dos povos do campo à educação (RIGON, 2020).

Sendo que as ações educativas para o campo têm que estarem alinhadas a sua especificidade, ao empoderamento do sujeito consciente, quanto ser social, preocupado com o ensino-aprendizagem, de valorização do seu conhecimento de mundo, à importância de aprender com as experiências do passado e com a história, agregado à atividade pedagógica, cultural, sua oralidade e sentimento de que o coletivo promoverá as mudanças paulatinamente, de maneira organizada e política para suas formações (RIGON, 2020).

Os alunos de escolas do campo necessitam de que o poder público institua políticas públicas, voltadas para a realidade e historicidade, dentro do contexto do campo, enraizadas na cultura e nos diferentes saberes adquiridos por sujeitos capazes de se reinventarem, nos seus espaços de inserção.

“**NO** o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive. **DO**: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura, e às suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2005, p.27).

No que se refere às manifestações sociais, produzidas pelo MST e outros movimentos que lutam e perseguem uma “igualdade” de ações educativas concebidas e realizadas no campo e do campo; e não, uma cópia do esforço de construção do saber urbano, nas universidades que abrigam os cursos de Educação do Campo - Licenciatura os licenciandos, almejam uma proposta distinta, que contemple o estudante do campo, que os auxilie no caminho docente a ser percorrido futuramente, inserido na vivência cotidiana no espaço do campo.

Sendo que na realidade do espaço campesino, há a representação não muito positiva, dos sujeitos que vivem no campo, onde são tolhidos em suas manifestações, nos significados de seus objetos culturais, no modo de vida, na prática vivenciada e no saber produzido, ficando sem voz, e não contemplados nos currículos escolares (CALDART, 2005).

Ademais fora esperado que os egressos do Curso de Educação do Campo – Licenciatura, tenham perfil que consistam no maior desafio das formações aqui pretendidas.

Desta forma, como preconizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelas especificidades apontadas, as longas distâncias e a baixa densidade demográfica exigem a formação de professores (as) por área de conhecimento e que estejam atentos às práticas pedagógicas que considerem os diversos ciclos da vida e seus processos de aprendizagem, que se vincule ao trabalho como princípio educativo e que sejam capazes de problematizar, a partir do contexto em que a escola está inserida sem se restringir a ele. Segundo Molina (2014):

A habilitação de docentes por área de conhecimento tem como um dos seus objetivos ampliar as possibilidades de oferta da Educação Básica no território rural, especialmente no que diz respeito ao ensino médio, mas a intencionalidade maior é a de contribuir com a construção de processos capazes de desencadear mudanças na lógica de utilização e de produção de conhecimento no campo. Ao construir como perfil de habilitação da Licenciatura em Educação do Campo simultaneamente as três dimensões – a docência por área de conhecimento, a gestão de processos educativos escolares e a gestão de processos educativos comunitários –, idealizou-se esta perspectiva: promover e cultivar um determinado processo formativo que oportunizasse aos futuros educadores, ao mesmo tempo, uma formação teórica sólida, que proporcionasse o domínio dos conteúdos da área de habilitação para o qual se titula o docente em questão, porém, muito articulada ao domínio dos conhecimentos sobre as lógicas do funcionamento e da função social da escola e das relações que esta estabelece com a comunidade do seu entorno (MOLINA, 2014, p. 14).

Não podemos deixar de contextualizar a educação do campo e a educação ambiental, que estão amplamente ligadas e preocupadas com as questões relacionadas ao meio ambiente, pois, procuram elucidá-las, por meio de ações coletivas, as quais consistem na construção e



superação da problemática social, bem como, na gestão de processos educativos e coletivos, que ratifiquem sua implementação na comunidade escolar.

A educação ambiental no horizonte da educação do campo parece ser adequada, especialmente na perspectiva de que:

A educação ambiental não é, [...] uma “forma” de educação (uma “educação para...”) entre inúmeras outras; não é simplesmente uma “ferramenta” para a resolução de problemas ou de gestão do meio ambiente. Trata-se de uma dimensão essencial da educação fundamental que diz respeito a uma esfera de interações que está na base do desenvolvimento pessoal e social: a da relação com o meio em que vivemos, com essa “casa de vida” compartilhada (SAUVÉ, 2005a, p. 317).

Nesse contexto a Educação do Campo e as escolas do campo, têm buscado todo um aparato de uma pedagogia emancipatória voltada à agricultura camponesa e a ecologia, envolvendo todo aquele sujeito que trabalha no campo, na sua diversidade, com as suas lutas, conflitos e conhecimentos que passam de pai para filho que durante muitas décadas de desafios e exigências, se voltando para a formação de educadores críticos, conscientes e enraizados na tradição, dialogando com as práticas educativas para que se conectem coletivamente às escolas de educação básica, no dia a dia de todos os que optem por laborarem pela produção da vida social, ecológica e sustentável (CALDART, 2017).

A educação do campo deve ser vista como um direito, inclusive como meio para superar o sócio metabolismo do capital, que se apresenta como desenvolvimento sustentável à custa das classes menos favorecidas e do alto custo da sustentabilidade que, se retirado, não há o próprio lucro do capital - para tal, retira da esfera social (ex. direitos dos trabalhadores), sendo que após várias lutas, a Educação do Campo chegou para quebrar correntes e tabus, trazendo aos moradores e trabalhadores do campo novas possibilidades de conquistas advindas da educação. A educação do campo é debate, é toda uma gama de experiência vividas por sujeitos atores, conscientes, firmados em suas práticas educativas e coletivas, alicerçadas na sua história e comandantes de seu futuro no campo dentro de uma sustentabilidade ecológica, para (CALDART, 2001).

Dito de outro modo é necessário debater a ação educativa em função de um convencimento sobre a aprendizagem e a potencialização de elementos presentes nas diversas experiências dos sujeitos do campo. A educação do campo é gestada num movimento consciente de construção das escolas do campo como escolas que ajudem neste processo mais amplo de humanização, e de reafirmação dos povos do campo como sujeitos de seu próprio destino, de sua própria história (CALDART, 2001, p. 26).

A população do campo sem oportunidade de escolarização, marginalizada devido à falta de oportunidades e, é vista pelos detentores do poder, como incapazes de se comunicarem de maneira adequada, gerando a falsa ideia de inércia e preconceito em relação a linguagem por eles utilizada. Segundo Freire (2018):

Há, sem dúvida, uma alta correlação – particularmente no campo – entre estagnação econômica e social e analfabetismo, mas os homens das elites, responsáveis diretos pela estagnação e pela falta de escolas, traduzem esta correlação numa linguagem.

No Brasil a educação do campo, ainda está engatinhando no que se refere a componentes curriculares, específicos do campo, para as escolas do campo e, o desafio de pensar os conhecimentos na perspectiva curricular, foi resultado de anos de luta do Setor de Educação do MST, sendo que dessa proposta de construção, precisa ser entendida como apropriação e construção do conhecimento, luta política pelo território que envolve a prática social, organizacional e produtiva nos assentamentos (CALDART, 2019).

As atividades ecológicas relacionadas com a Educação do Campo nasceram das lutas pela terra e movimentos sociais, agregando educação, escola, campo e sociedade. Contudo a temática ainda é nova na Educação do Campo, envolve a participação popular, voltando-se para construção coletiva de uma sociedade e se choca com conflitos de ideias entre os movimentos sociais e políticas públicas (CALDART, 2001).

No viés da educação do campo a alternativa aparece pelas escolas que organizam hortas, buscam realizar atividades ecológicas, auxiliam no trabalho coletivo e fortalecem a solidariedade com a produção do campo. Infelizmente a educação para os povos do campo é geralmente trabalhada como currículo urbano, e sem a identidade e a realidade do campo. Alguns currículos apresentam um trabalho popular e questionador do modelo hegemônico capitalista, portanto excludente; em detrimento de outros que tentam minimizar as desigualdades sociais demandando justiça social os quais seriam adequados para serem trabalhados nas escolas do campo (CALDART, 2001).

Outros aspectos importantes estão por conta da possibilidade de mostrar os vínculos da luta pela reforma agrária com outras conquistas e modelos alternativos de vida, dos quais se pode citar a produção de hortas medicinais e de fitoterápicos (medicina alternativa), escolas públicas e educação de crianças, jovens e adultos em diferentes níveis de formação, dentre outros legados que nem sempre se encontram expostos ou sistematizados em textos, como sendo as relações entre os seres vivos e o meio ambiente onde vivem, bem como a influência que cada um exerce sobre o outro, a distribuição e abundância dos organismos e das

interações que as determinam. Também, ela fornece os princípios básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e, que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos, economicamente viáveis e sustentáveis para a vida campesina.

No contexto da agricultura familiar a abordagem ecológica e social da relação dos seres humanos com a natureza (totalidade que integram), e entre si, mediada pelo trabalho, traz no avanço desse reencontro uma questão urgente, antes que a humanidade não tenha mais como lembrar que as relações de trabalho não precisam ser antagônicas e de destruição de seu pressuposto material necessário: a vida (CALDART, 2001).

Os cultivares do campo pela via ecológica incorporam fontes alternativas de energia e a preocupação é com os esforços num modelo tecnológico socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente sustentável. Muito embora, mantenha-se a clareza de que há uma impossibilidade de superação do processo de produção destrutiva pelas vias da tecnologia, apenas. Antes que a vida seja colocada em segundo plano, vamos trabalhar todos juntos para a preservação do nosso bem maior, a vida (CALDART, 2019).

Para melhores expectativas é necessária uma educação do/no/para o campo, como direito; não como esmola, mas, com amorosidade, fraternidade, emancipação humana, luta e denúncia, que deverão estar presentes nas várias culturas e nas diferentes concepções de leitura de mundo e da leitura da palavra, estando enraizada no trabalho coletivo e digno para todos, sendo que os sujeitos criam diferentes interpretações dos símbolos concretos os quais servem para guiar as suas atividades mentais, onde a experiência depende do conhecimento, pois, não haveria significados, se os signos não fossem dinâmicos, e estivessem sempre em constante evolução.

Pois, diante do cenário em que nos encontramos, marcado pela pandemia e desigualdades sociais, nos uniremos para construirmos um novo projeto de educação e sociedade, de acordo como são realizados os seus contatos de mundo, com as bagagens que cada um traz, e das interações que surgiram desses contatos.

Considero que a língua não possui ao seu lado uma regra que norteie de como ela deve ser, pois, cada uma possui uma maneira própria de interpretar a realidade, ressaltando que a linguagem é essencial na concepção de mundo no qual estamos inseridos e da organização do pensamento, valorizados, ensinados, compartilhados e utilizados pelos moradores dos assentamentos. Assentamentos que são frutos das lutas organizadas, por terras para todos que moram no campo (CALDART, 2019).

### 4.3 Linguagem

Ao nos depararmos com manifestações da expressão da linguagem, desde a antiguidade, até os dias atuais, nos comunicamos e somos sujeitos protagonistas de nossas vidas e de nossa história.

A Linguística é constituída inicialmente por toda manifestação da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem, mas todas as formas de expressão (SAUSSURE, 2006, p.13).

É a partir da articulação da palavra, que a língua, torna-se o ponto de partida para que haja a comunicação entre os sujeitos em um espaço concreto, social, histórico e coletivo, se constituindo de um lado social e de um lado individual, onde a *langue* (língua) e a *parole* (fala), não se dissociam uma da outra, sendo que o indivíduo sozinho não modifica e, nem, cria a língua (monólogo).

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade - natural ou não - de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem (SAUSSURE, 2006, p.18).

Na fluência cotidiana as linguagens são vivas, loquazes, escritas ou orais, são o que nos move, nos movimenta, nos impele a prosseguir e evoluir, para a construção e transformação coletiva do mundo; pois, quando a linguagem ativa o sujeito, colabora na transformação do mundo, dialoga, escreve sua história cultural e humana, acredita no poder das expressões linguísticas e percebe que faz parte do meio ambiente, onde está inserido e concretiza assim, o empoderamento da linguagem, padrão ou coloquial, na escrita, na leitura ou na oralidade.

Segundo Jakobson (1971) in Martelotta (2011) a concepção de mundo conhecido reproduz os hábitos da linguagem de um determinado grupo social, que atua sobre as funções que a linguagem, através da historicidade e da cultura permanecem ligadas aos interlocutores. Estas funções podem ser divididas em:

a) Função referencial – Consiste na transmissão de informação do remetente ao destinatário. Essa função está centrada no contexto já que reflete uma preocupação em transmitir conhecimentos referentes a pessoas, objetos ou acontecimentos. Podemos pensar como exemplos dessa função as notícias apresentadas em um vídeo de informações como o jornal ou comerciais de televisão.

b) Função emotiva – Consiste na exteriorização da emoção do remetente em relação àquilo que fala de modo que essa emoção transpareça no nível da mensagem. Essa função está centrada no próprio remetente, já que é sua mensagem. Um exemplo de função emotiva está em uma situação em que um indivíduo, ao tentar martelar um prego, acerta o próprio dedo e profere um palavrão, refletindo um envolvimento do falante com a situação.

c) Função conativa – consiste em influenciar o comportamento do destinatário, já que ele é o alvo da informação. Um bom exemplo é a propaganda, cuja função básica é persuadir o público a comprar um produto.

d) Função fática – consiste em iniciar, prolongar ou terminar um ato de comunicação. Está centrada no canal, já que não visa propriamente à comunicação, mas ao estabelecimento ou fim do contato, refletindo também a preocupação de testar o contato, checar o recebimento da mensagem e, em muitos casos, tentar manter o contato. Temos exemplo disso na utilização do termo *alô*, no telefone, para indicar que estamos na escuta, prontos para o que, o interlocutor tem a nos dizer.

e) Função metalinguística - consiste em usar a linguagem para se referir à própria linguagem. Centrada no código, essa função se justifica pelo fato de os humanos utilizarem a linguagem para se referir não apenas à realidade biossocial, mas também, aos aspectos relacionados ao código ou a linguagem utilizada para esse fim. Os verbetes do dicionário são um bom exemplo desse tipo de função, já que dão pistas do significado das palavras.

f) Função poética – consiste na projeção do eixo da seleção sobre o eixo da combinação de elementos linguísticos. Centrada na mensagem, essa função caracteriza-se pelo enfoque na mensagem e em sua forma. Ocorre em mensagens caracterizadas por rimas, jogos de palavras, aliterações e outros processos de natureza estilística, que sugerem uma escolha mais cuidadosa das palavras, como nos versos de Chico Buarque, na música “Flor da idade”:

A gente faz hora, faz fila na vila do meio dia

Para ver Maria

A gente almoça e só se coça, e se roça, e só se vicia.

Quando interpretamos os versos do mestre Chico, percebemos que o autor usou rimas e descreveu, provavelmente a conversa em um bar, de um grupo de homens comentando de maneira bastante vulgar, os atrativos de uma mulher sedutora, ingênuo, despudorada e seus amores interioranos.

Quando as formas de comunicação e expressão utilizadas pelo sujeito indicam o seu estado de espírito, seus sentimentos ou suas atitudes, marcando assim a cadeia da linguagem e quando conseguimos, mesmo tardiamente desenvolver alguma forma de linguagem, registramos na memória e nos comunicamos através de gestos, na escrita e na oralidade.

Para tal, construímos juntos, trocamos conhecimentos, pois, a linguagem regional, deles é bem diversa, como podemos observar, foneticamente, com exemplos de palavras abaixo:

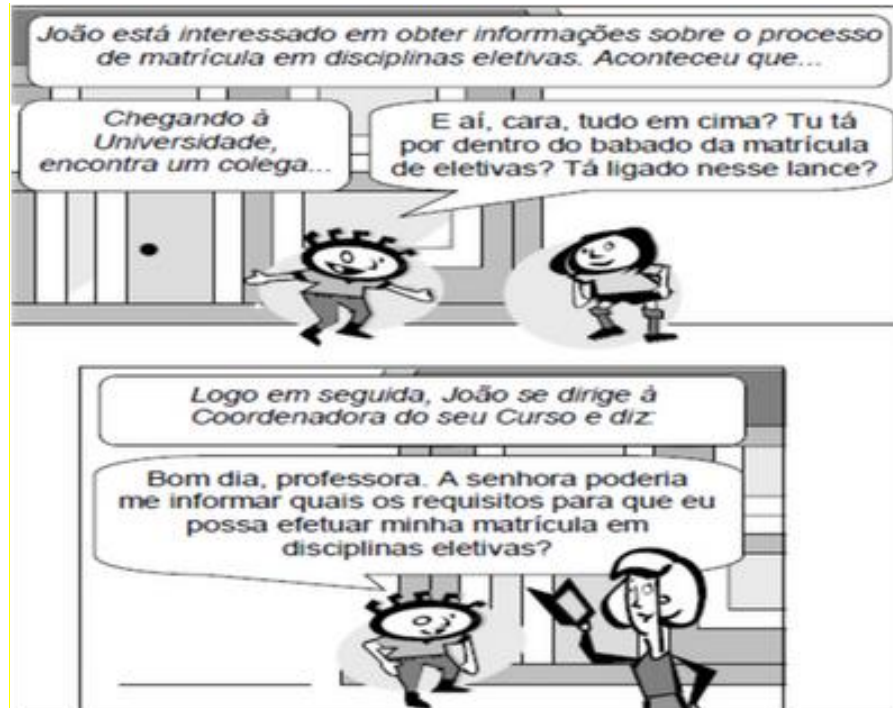
Quadro 7 - Exemplo de linguagem formal/informal

<b>Linguagem formal</b>	<b>Linguagem informal</b>
macela	marcela
tangerina	vergamota/bergamota
varrer	barre
vassoura	bassora
taramela	tramela
travesseiro	trabisseru

Fonte: Autora, 2021

Quando um sujeito usa diferentes formas de uso da linguagem em situações comunicativas diversas, procurando adequar forma e vocabulário em cada situação, ele estará usando linguagem comum ao falante e ao meio no qual estão inseridos: no trabalho, na escola, com os amigos, com a família, em solenidades e no mundo virtual.

Figura 3 - Exemplo de linguagem formal/informal



Fonte: <https://www.google.com/search?rlz=1C1GCEU>

Exemplos como este são comuns no dia a dia escolar, em todos os níveis, assim, partindo de contextos equivalentes, propomos entender a formação sociocultural e ambiental do Bioma Pampa a partir da construção de linguagens em conjunto com os educadores da Escola.

Segundo Saussure (1916) se duas pessoas de regiões diferentes do Rio Grande do sul, pronunciam a palavra carro (de acordo com o dicionário *on line*: substantivo masculino, qualquer veículo que se locomova sobre rodas; veículo, automóvel); sendo uma delas de Dom Pedrito, região da Campanha Gaúcha e a outra, de Bento Gonçalves, região da Serra Gaúcha, falaram a mesma palavra, porém a fonética será distinta: carro (morador de Dom Pedrito – influência da Língua Espanhola) e caro (morador de Bento Gonçalves – influência da Língua Italiana). Nas duas formas distintas de linguagem, há uma só língua.

Sendo que a identidade da fala, jamais perderá o seu vínculo, mesmo que tenha sofrido transformações fonéticas, já que a todo o instante, os falantes da língua, fazem a análise das unidades da língua de maneira subjetiva. No estudo e análise da língua não há enganos, pois há o confronto do mesmo elemento falado, um e outro, ambos justificados e conservados o seu valor, importando apenas o falante, calcado nos fatos da língua.

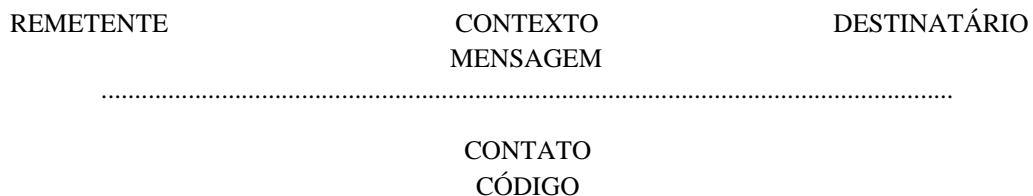
Visto que a análise do falante em várias ocasiões tende a perpetuar a palavra mais antiga, pertencendo a outra época em que a palavra foi tomada, mas, a língua segue o seu curso natural, estabelecendo sucessivas transformações e adquirindo significados novos.

Quando discutimos o fenômeno linguístico no tempo e espaço, somos surpreendidos pelas inúmeras línguas e as diferenças linguísticas, quando passamos de um país para outro, de um estado ou de uma região (dentro do mesmo país), nesses casos, a Linguística passa de interna a externa. Temos como exemplo os povos selvagens, (Linguística interna) percebem que em seus contatos com outras tribos (Linguística externa), que ao falarem outra língua, tomam consciência de sua língua materna.

Quando línguas que se desenvolveram num território contínuo, permitem verificar os mesmos fatos que os dialetos de maneira mais ampla, pois os dialetos adquirem o nome da língua que produziu uma literatura, como é o caso do português, abraçando um espaço coberto, comum a várias línguas representadas através de dialetos diferenciados, convencionando os limites entre as duas línguas.

A passagem entre duas línguas se dá de maneira brusca, em alguns casos, pois o frequente deslocamento dos povos consegue apagar as transições linguísticas, apagando essas recordações dos falares intermediários, travando um choque, sem que as línguas se fundissem uma na outra.

Já as funções da linguagem, segundo Jakobson (1971), a linguagem apresenta uma variedade de funções, mas, para que possamos compreender cada uma delas, devemos levar em conta os elementos constitutivos de todo ato de comunicação, que estão abaixo arranjados:



Devemos entender, a partir desse quadro, que, para que exista comunicação, não basta a figura do destinatário, pois, para que a mensagem seja compreendida, é necessário que ela preencha algumas condições, entre elas: remetente, contexto e código (MARTELOTTA, 2011).



Para tanto, a linguagem deve ser utilizada de encontro com a realidade, de acordo com o meio em que os sujeitos estão inseridos e o vocabulário deve ser de fácil entendimento para que haja uma fluidez comunicativa.

À medida que o sujeito progride do contexto familiar ao convívio em sociedade, a linguagem materna/interna, usada como base, também atualiza, e o sujeito desenvolve funções elaborando complexas situações de interlocução, onde paulatinamente adquire a capacidade de confirmar e averiguar o nível de linguagem ao qual está submetido, os homens ao se comunicarem diretamente, tornam-se seres melhores, interagindo de modo consciente e livre, tendo como base a língua materna a qual evolui junto com o sujeito/agente.

Quando a criança sofre a influência do adulto na formação da fala, revela ter aprendido a formar a sua própria linguagem e reorganiza o seu processo psicológico, usando novos códigos, consegue distinguir novas formas de experiência emocional, a consciência de si própria e íntima participação da fala interior, que vai norteando diretamente seus processos psicológicos de maneira distinta, Segundo Vigotski, Luria, Leontiev (2018):

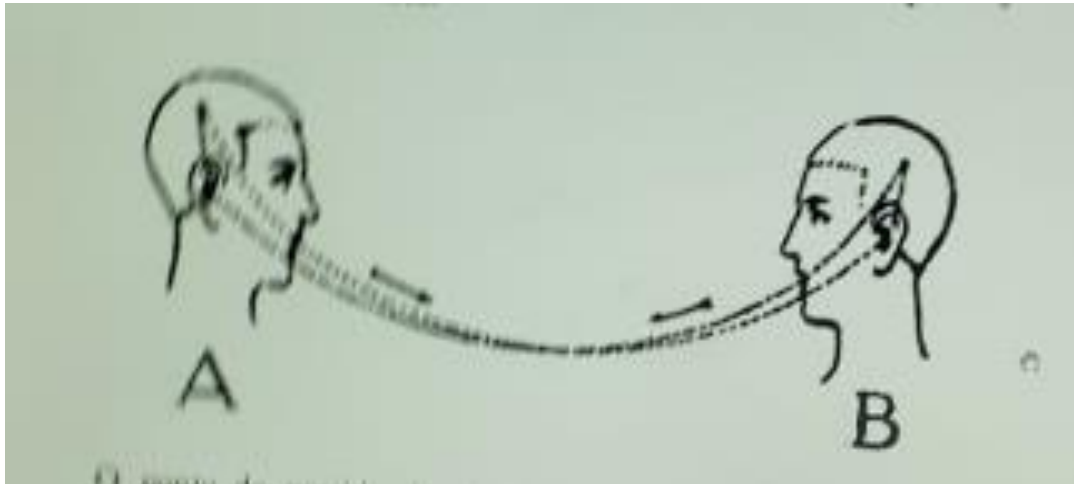
Finalmente, como foi revelado pelas pesquisas das últimas duas décadas, é com base na linguagem que se formam complexos processos de regulação das próprias ações do homem (Luria, 1956, 1958) – embora, no início a linguagem seja uma forma de comunicação entre o adulto e a criança, a linguagem vai assim gradualmente se transformando em uma forma de organização da atividade psicológica humana. (VIGOTSKI, LURIA, LEONTIEV, 2018, p. 197).

No momento em que pensamos na linguagem como útil e dinâmica, há a interação entre ela e as nossas vivências de mundo, ressignificamos o conceito de língua materna em relação às práticas sociais em nossas análises linguísticas, os conhecimentos são apreendidos e adquiridos pelo sujeito, toda vez em que a linguagem é articulada num universo de poder e a apropriação da consciência linguística, a qual caminha para a transformação de várias práticas letradas na sua concretude. O saber, bem ao contrário, se estabelece e se sustenta nas matérias/conteúdos e em elementos formais que lhe são exteriores: luz e linguagem, olhar e fala sendo que para Saussure (2006):

Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala. Este ato supõe pelo menos dois indivíduos; é o mínimo exigível para que o circuito seja completo. Suponhamos, então, duas pessoas, A e B, que conversam. O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas, por exemplo A, onde os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos de imagens acústicas que servem para exprimi-los. Suponhamos que um dado conceito suscite o cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente psíquico, seguido, por sua vez de um processo fisiológico: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso

correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B: processo puramente físico. Em seguida, o circuito se prolonga em B numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica no cérebro, associação psíquica da imagem com o conceito correspondente. Se B, por sua vez, fala, esse novo ato seguirá – de seu cérebro ao de A – exatamente o mesmo curso do primeiro e passará pelas mesmas fases sucessivas (SAUSSURE, 2006, p. 19).

Figura 4 – Circuito da Fala



Fonte: (SAUSSURE, 2006, p. 19).

A concepção de mundo reproduz os hábitos da linguagem, por meio da historicidade e da cultura de um determinado grupo social, como cada sujeito se comporta. Geralmente, depende de como são feitas as interações sociais, ou seja, como se dá a troca de conhecimento entre o indivíduo e o mundo (MARTELOTTA, 2011).

A língua não possui ao seu lado uma regra que norteie de como ela deva ser, pois, cada uma possui uma maneira própria de interpretar a realidade; no entanto, frisamos que a linguagem é essencial na concepção de mundo, no qual estamos inseridos, e da organização do pensamento. Os sujeitos criam diferentes interpretações dos símbolos concretos, os quais servem para guiar as suas atividades mentais, onde a experiência depende do conhecimento, uma vez que, não haveria significado, se os signos não fossem dinâmicos. Segundo Martelotta (2011) em Saussure:

Inicialmente é importante ressaltarmos que Saussure negava a existência de uma estrutura inata de pensamento adjacente às línguas. Para ele, o homem possui a capacidade da linguagem, mas a estrutura da linguagem é arbitrária, cultural e é ela que dita o pensamento e vice-versa. De acordo com Saussure, o homem seria incapaz de pensar sem o auxílio de signos (MARTELOTTA, 2011, p. 56).

No momento em que conseguimos desenvolver alguma forma de linguagem, pelo uso de símbolos ou signos, criamos esse registro na memória, e, a partir disso, nos comunicamos por meio de gestos, escrita e oralidade, conectamo-nos diretamente a outros indivíduos, em um processo contínuo de aprendizagem e desenvolvimento de nossas habilidades e potencialidades linguísticas. No momento em que ficamos na zona de conforto, para lidarmos com a funcionalidade de comunicação, não conseguiremos registrar na memória, e precisaremos mediar situações de conflito, caso possam estar fora do nosso alcance cognitivo. Sendo que, para Vigostski, Luria, Leontiev:

Escrever é uma das funções culturais típicas do comportamento humano. Em primeiro lugar, pressupõe o uso funcional de certos objetos e expedientes como signos e símbolos. Em vez de armazenar diretamente alguma ideia em sua memória, uma pessoa escreve-a, registra-a fazendo uma marca que, quando observada, trará de volta à mente a ideia registrada. A acomodação direta à tarefa é substituída por uma técnica complexa que se realiza por mediação (VIGOSTSKI, LURIA, LEONTIEV, 2018, p. 99).

Quando a linguagem assume o papel de práticas discursivas em movimento, interação entre indivíduo e espaço se dá, quando passamos a ter clareza no modo de pensar e na maneira de como a ação irá se constituir; quando nos propusemos a manifestar nossas opiniões, estamos sem dúvida, cientes da importância em contribuir com nossa bagagem de mundo, primeiro, no pensamento, depois, em ações concretas de linguagem. De acordo com Neto (2011), utilizando-se de Foucault:

Em vez de ver a linguagem como um instrumento que liga o nosso pensamento à coisa pensada, ou seja, como instrumento de correspondência e como formalização da arte de pensar, Foucault assume a linguagem como constitutiva do nosso pensamento e, em consequência, do sentido que damos às coisas, a nossa experiência, ao mundo (NETO, 2011, p. 89).

Toda vez que o sujeito se expressa, passa a outrem uma mensagem que, ao chegar ao seu destinatário, cumpre o seu papel de canal condutor da linguagem, se espalhando para que traduza a vontade dos interlocutores.

Se os protagonistas da interlocução da ação transmitem, percebem e dinamizam a linguagem, ela se torna a base essencial daqueles falantes e o produto desta ação é coletivo, solidário, social, histórico e interacional, introjetando a ação comunicativa.

Na família dá-se o primeiro contato com a linguagem básica, onde, já no ventre materno, nos comunicamos com os mais próximos, principalmente com a nossa mãe, quando ouvimos sua voz e ela acaricia sua barriga, trocando energias com o bebê (NETO, 2011).

À medida que vamos crescendo e evoluindo, temos contato com outros grupos sociais, vamos adquirindo e nos apropriando de várias manifestações de linguagem cotidianas, aperfeiçoando o círculo de nossas vivências de mundo. De acordo com Neto (2011):

Em outras palavras, aquilo que se diz está, sempre inexoravelmente, condicionado pelo ato de dizer, de modo que, como explica um comentarista de Foucault, “a linguagem está enraizada não na coisa percebida, mas no sujeito ativo. É mais o produto do desejo e energia do que dá percepção e memória”. “Se a linguagem exprime, não o faz na medida em que imite e reduplique as coisas, mas na medida que manifesta e traduz o querer fundamental daqueles que falam. Dado que cada um de nós nasce num mundo que já é de linguagem, num mundo em que os discursos já estão há muito tempo circulando, nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos (NETO, 2011, p. 91).

Quando temos a consciência do nosso ‘eu’, determinamos e possibilitamos o uso de uma linguagem lógica e objetiva, para fora do nosso universo interior. A linguagem serve como instrumento motriz nas ações de interação entre os sujeitos agentes, que se reconstruem cada vez que exteriorizam seu pensamento, seu conhecimento, tornando-se efetiva. Para Veiga (2011, p. 91).

Entender assim a linguagem implica entender de uma nova maneira o próprio conhecimento – agora não mais visto como natural e intrinsecamente lógico, autofundado, suficiente e objetivo.

Ao verificarmos os diversos tipos de texto para ser analisados em um determinado momento histórico e cultural, temos que conhecer sua funcionalidade gramatical, pois só se efetivará na sua concretude, a linguagem a ser utilizada, quando o sujeito dominar os significantes e os significados propostos, seja na linguagem padrão ou coloquial (NETO, 2011).

Os signos linguísticos formam um todo inseparável, quando da utilização da linguagem, sendo necessário, no mínimo, conhecermos os significados dos vocábulos para que se efetive a interação, já que não há significados a serem descortinados. Segundo Neto (2011).

Mas isso não significa, certamente, pensar que não temos de conhecer, pelo menos minimamente, a gramática do texto sob análise. Sejam textos verbais, sejam textos imagéticos, ou sejam quaisquer outros, é preciso estar alfabetizado na linguagem respectiva, é preciso decifrar seus símbolos, entrar na sua lógica, conhecer sua gramática, para aprender os significados que entre nós circulam no momento em que lemos tais textos. Para Foucault, os significados não estão ocultos, de modo que os ler não implica um exercício de desvelamento de algo que poderia estar escondido (NETO, 2011, p. 104).

No meio onde o sujeito e suas ações cotidianas são conduzidos, os contextos de leitura e práticas sociais são criados, de acordo com as necessidades, expectativas, compreensão, inovação e propósito. As decisões e posições ativas, constitutivas do uso da língua, serão tomadas envolvendo a capacidade de compreensão, de acordo com o nível de linguagem que serão contextualizadas e distintas nas interações sociais entre esses sujeitos e o mundo.

Dos participantes envolvidos neste processo, de acordo com a capacidade de compreensão e atitude, resultarão duas possibilidades de contextualização do uso da linguagem: o contexto do fracasso e o contexto da aprendizagem. Segundo Bunzen e Mendonça (2006):

As nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da linguagem, nas suas modalidades, que realizamos muitas ações que nos interessam. São as situações sociais, com objetivos sociais e com modos sociais de interação, as que determinam, em grande medida, os tipos de atividades realizadas, que tipo de contextos pode ser construído pelos participantes, quais são as interações possíveis. (BUNZEN, MENDONÇA, 2006. p, 25).

O entendimento da leitura dá-se quando a linguagem é tratada como fazendo parte do crescimento intelectual do sujeito, do conhecimento da realidade, como interação em contextos históricos, sociais e culturais, entrando em sintonia com os interlocutores. Pressupõe-se que, em ações declaratórias de concretude, imagética, interacional, individual, coletiva, próxima ou distante do sujeito em sociedade, ou com ele mesmo, realiza-se a comunicação que é utilizada alguma forma de linguagem (monólogo, diálogo).

Já no desenvolvimento intelectual está envolvida a percepção, o pensamento, a memória, o raciocínio, escrita e a oralidade e quando o leitor consegue fazer discussões sobre a concepção de propostas de textos: o vê como enunciados, refere-se a fala e ao discurso, como comunicação, conforme Geraldi, em Benveniste:

É próprio da linguagem seu caráter interlocutivo. A língua é o meio privilegiado de interação entre os homens. Em todas as circunstâncias em que se fala ou escreve há um interlocutor. “Toda a enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação - ela postula um alocutário” (Benveniste, 1976, v. 2). O monólogo não é mais do que uma situação comunicativa em que o locutor elege a si mesmo interlocutor; “é um diálogo interiorizado (falado em linguagem interior) entre um locutor e um ouvinte” (BENVENISTE, 1976, v.2). (GERALDI, 2006. p. 118).

Na vida escolar não se produzem textos onde o aluno faça o uso real da sua palavra, mas se simula o uso da escrita, com exercícios onde a escola o prepara para vida, através da escrita de textos, discursos, conversações, citações, narrativas e redações. Não é coerente a

concepção de que o sujeito/aluno vai exercitar a linguagem para os dias que virão, já que é expressa e construída de maneira introjetada e subjetiva. O papel da escola é acolher e dar o acesso necessário para que o aluno se sinta fazendo parte do mundo, em um determinado contexto histórico-social, interagindo em espaços diferentes e em diferentes classes sociais. Atualmente o compromisso da escola com a facilitação, inclusão e a permanência de educandos com problemas de escrita da ortografia oficial e produção de textos variados, é para todos; e, não apenas para alguns (GERALDI, 2006).

Não há um sujeito/aluno que fala, quando uma redação é redigida; mas sim, um sujeito/aluno que devolve ao professor a fala que a escola lhe ditou. Muitas vezes ditada de maneira artificializada e impessoal, marcada em sua base com exigência de adequação da modalidade da linguagem escrita (GERALDI, 2006).

O aluno agindo, como locutor ou interlocutor, detêm o poder, a experimentação, o privilégio, a determinação, o conhecimento e o emprego da linguagem; mas, se cerceamos seu poder de expressão, não haverá a sua interação com contexto social de mundo, a linguagem se tornará vazia e pobre, sem significantes e significados. Segundo Geraldi (2006) em Britto:

Ao descaracterizar o aluno como sujeito, impossibilita-lhe o uso da linguagem. Na redação, não há um sujeito que diz, mas um aluno que devolve ao professor a palavra que lhe foi dita pela escola. Percival Leme Britto, estudando as condições de produção do texto escolar, conclui que está é marcada em sua origem, por uma situação muito particular, onde são negadas à língua alguma de suas características básicas de emprego, a saber, a sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e o seu papel mediador da relação homem-mundo. O caráter artificial desta situação dominará todo o processo de produção de redação, sendo fator determinante de seu resultado final (GERALDI, 2006, p. 128).

Quando o homem utiliza a linguagem de maneira que se coloque no mesmo patamar do seu interlocutor, consegue fraternalmente ter conversas amigáveis e de bom tom. À medida que o homem utiliza a linguagem, dialogando de maneira igualitária, sem magoar, sem ofender ao outro, consegue se livrar da arrogância e participar de atos de amor e caridade, enfatizando a coletividade.

Infelizmente a humanidade e os valores morais, adquiridos na base familiar, estão se perdendo, através de várias situações que extrapolam o bom senso, onde o errado é visto como certo, onde o uso indevido das expressões de linguagem, ocasiona ignorância e desconhecimento do seu “eu” e do “outro” e de acordo com Freire (2011):

Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe se

seus polos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em que não reconheço *outros eu?* (FREIRE, 2011, p. 111).

Para a efetivação do uso da linguagem foi necessário que se refletisse sobre a língua materna e que tipo de linguagens, os professores do campo da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, utilizaram na descrição, na classificação, na normatização de uso da língua, na retomada de conceitos, nas diferentes práticas escolares em atividades de leitura e de escrita, que estarão presentes no seu cotidiano escolar.

Na época da colonização e expedições, se formou o território continental dos portugueses, conquistando o Algarve e os monarcas se empenharam em organizar o território nacional, através de várias ações, tais como: povoamento, exploração agrícola, estruturação comercial e segurança. No ano de 1415, com a derrubada de Ceuta, houve ampla expansão de território. Após, os portugueses iniciaram a grande era dos Descobrimentos e chegaram a América do Sul, onde em 1500, descobriram este país continental, nosso amado Brasil, que era habitado pelos povos originários.

Portugal foi o país cuja história, proporcionou a existência desta comunidade, o nascimento da língua materna que nos torna elos da mesma corrente, tornando possível experimentar culturas e civilizações diversificadas, construímos os traços culturais e afetivos que nos ligam.

Esse processo histórico foi demorado e extenso.

Vivemos na atualidade uma identidade cultural entre colonizador/colonizado nascida no passado, que uniu oito países, uma língua que foi sendo enriquecida na diversidade, mas que se reconhece, como uma, independente das diferenças, nos tornarmos mais perto e colaborativos uns com os outros graças a nossa luso-afinidade, para compartilhar e trocar, como se fosse uma simbiose (TORRES NOVAES, p. 2, 4, 2008).

Com o advento do Decreto nº 6.583, em 29 de setembro de 2008, que promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que fora assinado em Lisboa (Portugal), nessa ocasião representando o Brasil (o Ministro da Educação), entre os Governos das seguintes Repúblicas Federativas: Popular de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portuguesa e da Democrática de São Tomé e Príncipe, na data de 16 de dezembro de 1990, mas o documento, tendo efeito, somente a partir de 01/01/2009, sendo publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 30/09/2008, sendo o alfabeto da Língua Portuguesa contemplado por vinte e seis letras (BRASIL 2008).

Com a intenção de aumentar a cooperação e o intercâmbio cultural entre os países lusófonos, foi criada, em 1996, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que reúne todos os países de língua oficial portuguesa. Dentro dessa comunidade, o Brasil figura como principal representante, uma vez que somos o país com o maior número de falantes da língua. Isso significa que, graças à representatividade de nosso país dentro da CPLP e perante a comunidade internacional, devemos zelar por nosso idioma e promover sua divulgação, de acordo com: ([brasilecola.uol.com.br/gramática/historia-lingua-portuguesa-no-mundo](http://brasilecola.uol.com.br/gramática/historia-lingua-portuguesa-no-mundo)).

Sendo que com a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), fez com que a língua portuguesa fosse divulgada, fortalecesse a expansão comercial e intercâmbios, tornando-a forte, competitiva, perante as outras línguas então faladas.

A sobrevivência dos idiomas derivados do latim, mãe da nossa língua portuguesa, se deu entre os séculos XII e XVI, quando saímos da Idade Média e batemos à porta da Idade Moderna. Sendo que origem da Língua Portuguesa, forjada na mistura de elementos das línguas bárbaras com o latim, foram propagadas pelos povos bárbaros do norte europeu com o Império Romano, onde a língua latina era o meio de comunicação oficial.

Figura 5 - Mapa que assinala os países lusófonos



Fonte: <https://www.portugues.com.br/gramatica/mundo-lusofono.html>

No período de 2003/2011 o governo brasileiro visou valorizar nossa identidade e elo, criou conexões, afinidades históricas e culturais, tornou conhecida, defendeu a unidade da Língua Portuguesa, foi internacionalmente prestigiada, foi falada e teve expansão, a nossa língua materna, espalhada em quatro continentes, obteve maior visibilidade com a união dos



países lusófonos: Portugal e os de colonização portuguesa, sendo acrescido das variedades faladas por parte da população de Goa, Damão e Macau (Ásia) e Timor (Oceania), somos atualmente cerca de duzentos e quarenta milhões de falantes, sendo a oitava língua mais falada no mundo (BRASIL, 2008).

Pois Lusofonia é sentimento, alma, desejo de coletividade, passado comum, mensurando os Estados e organizações que trabalham em conjunto, objetivando o desenvolvimento da língua materna nas sociedades internas e externas, sendo que atualmente a Lusofonia obedece a globalização e a interdisciplinaridade, buscando uma identidade igualitária, indo muito além da questão linguística. Cada país lusófono possui a sua identidade própria, não sobrevive em função da dos outros, constituindo conjuntamente uma realidade multicultural (Encontros de Lusofonia em Torres Novaes, p. 2, 4, 2008).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Seguindo as fases da pesquisa para formar o grupo de trabalho, convidei os interessados na problemática, para participação e contribuição com as etapas da pesquisa, ou seja, o grupo de trabalho, formado por professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, pelo docente orientador, por quatro convidados docentes e pela pesquisadora.

No dia 08/07/2021 por WhatsApp, contatei uma colega de Mestrado, convidando-a para participar da minha proposta de intervenção, a qual aceitou o convite e passou-me o contato telefônico da diretora e da supervisora da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes.

Na noite do dia 08/07 telefonei para a diretora, me apresentei e disse que uma colega dela, havia me passado o contato. Expliquei que precisava agendar um horário para ir até a escola e conversar com os professores, sobre a proposta de intervenção, sendo que ela acolheu e se mostrou receptiva a minha solicitação, então, agendamos para o dia 13/07/2021, das 9h às 11h.

No dia 13/07/2021 desloquei-me até a escola, para um encontro presencial com os professores. Fui muito bem recebida por todos, encontrei ex-alunos do ensino fundamental e fiquei muito feliz, por ter colaborado um pouquinho para a formação atual deles.

A diretora e supervisora encaminharam-me à sala dos professores, onde agradei o acolhimento e expus o motivo de minha visita.

Os professores ficaram motivados com a oportunidade da troca de experiências e seis deles aceitaram participar da proposta de intervenção, em forma de roda de conversa (onde todos puderam se manifestar), com discussões sobre: o Bioma Pampa, a educação do campo e a linguagem.

O objetivo da escolha da temática do bioma pampa foi de conscientizar estes alunos, moradores do campo, dos danos impostos à natureza, do crescimento da população em ritmo acelerado, das desigualdades sociais que vai de encontro às profundas transformações impostas ao meio ambiente, que afeta o ambiente, o meio no qual estamos inseridos, trazendo o desequilíbrio dos ecossistemas, que o homem destrói e altera.

Sendo necessária a aquisição de percepção mais fraterna, humana, sensível e coletiva, junto às ações educativas e harmoniosas em todos os espaços compartilhados entre os seres humanos e as demais formas de vida.

A temática da educação do campo tem como objetivo ser introduzida em movimento consciente de construção das escolas do campo, como escolas, que ajudem neste processo mais amplo de humanização dos povos do campo como sujeitos de seu próprio destino, de sua própria história, na concepção de mundo no qual estão inseridos, na organização do pensamento, sendo valorizados, com os saberes compartilhados e utilizados coletivamente, como direito; não como esmola, mas, com amorosidade, fraternidade, emancipação humana, nas lutas organizadas por terras e igualdade para todos os que moram no campo, enraizadas no contexto da educação do campo.

A escolha da temática da linguagem se deu ao fato de a língua materna, com suas variações fonéticas, ser o meio privilegiado de interação entre os homens em todas as circunstâncias que se fala, ou, escreve há um locutor e um ouvinte, é identidade e elo, que cria conexões, afinidades históricas e culturais, nossa língua espalhada em quatro continentes. Implicando minimamente o conhecimento do que está sendo comunicado, estar alfabetizado na linguagem respectiva, decifrando seus símbolos, entrando na sua lógica, para aprender os significados que entre nós circulam no momento em que há a comunicação.

Após, elencarmos as temáticas, tivemos como prioridade da pesquisa a proposta de confecção de uma cartilha: de maneira cooperativa, coletiva, solidária, inclusiva, empática, de forma que os participantes perceberam que o grupo que atua em ações coletivas, propiciou que os objetivos comuns fossem alcançados.

Assim sendo, o projeto da confecção da cartilha utilizando a linguagem adequada para as séries iniciais e finais foi realizada com a participação dos professores, onde relatamos vivências e conhecimentos de maneira coletiva, troca de experiências e de materiais, durante todo o processo de confecção da cartilha.

## **5.1 Ações**

No planejamento das ações cada componente do grupo junto com a pesquisadora, teve consciência que desempenhariam um papel importante na pesquisa de maneira colaborativa, já que, todos estavam imbuídos não só de contribuir com a pesquisa de mestrado, mas de participar das discussões previstas.

As ações foram realizadas através de 06 (seis) encontros, de 01 (uma) hora e o diálogo foi parte destacada nas abordagens sobre a vivência dos educadores do campo, e a importância do Bioma Pampa no espaço em que cada um está inserido.

Existem diferentes expressões de diálogo dos coletivos, de culturas e variadas formas de manifestação do histórico, dos costumes dos mais velhos da família ou comunidade. Além disso, os próprios educadores possuem expressões culturais em seus territórios de atuação, com os quais compartilham a integração de conhecimentos, experiências educativas, sem distinções étnicas, de gênero, religião ou classe social.

Quero ressaltar que devido a pandemia da Covid-19, todas as ações e encontros foram realizados, *on line*, através do Google Meet.

Convidei a participarem da proposta de intervenção os professores da Escola Municipal Rural Sucessão dos Moraes, o professor orientador e quatro professores da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, que palestraram, debateram e discutiram as temáticas abordadas.

Após o término das abordagens dos temas, os palestrantes tiravam as dúvidas dos participantes da intervenção, respondiam os questionamentos, agradeciam a oportunidade de poderem trocar experiências e se despediam do grupo.

Ao ficarmos sem a presença do palestrante, debatíamos os temas das palestras, onde os professores convidados relatavam o seu cotidiano, comparavam as situações diárias e diálogos que tinham com os seus alunos, com as falas dos palestrantes, sendo ações de relevância e imprescindíveis para a evolução da organização, da produção do texto e da parceria nas ações aplicadas para a nossa confecção coletiva da cartilha.

Pois, a forma como foi construída a cartilha, com várias mãos, nos remete a importância do compartilhar, da amizade, da troca de experiências, do coletivo, onde cada colega deixou a sua marca e participação, para que a materialidade desta ferramenta didática se concretizasse.

A confecção da cartilha tem como objetivo de contribuir para que os professores do campo rememorassem e revisitassem os encontros e as questões que foram colocadas.

Sendo que a partir das temáticas abordadas pelos palestrantes foi dado o início da confecção da cartilha, utilizando a linguagem materna, no contexto da educação do campo e do bioma pampa.

### **1º Encontro - 09/08/2021**

Este primeiro encontro foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) a apresentação do PPGEduc pelo Prof. Dr. Jefferson Marçal da Rocha, professor orientador do

projeto; após apresentei a proposta de intervenção aos professores convidados da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes.

Os pontos abordados: desafios que os professores se deparam na escola do campo, principalmente nesta pandemia do COVID-19, onde nem todos os alunos retornaram às aulas presenciais e não têm acesso à internet; a falta de coleta seletiva do lixo na escola, desinteresse dos alunos e falta de apoio dos pais, paixão pela escola do campo e a amizade do grupo.

Nesse encontro os debates foram agregadores aos relatos das participantes que tinham expectativas para a construção coletiva da cartilha, que será utilizada de modo interdisciplinar, devido a importância de ser uma ferramenta de apoio para a construção de diferentes saberes.

A discussão trouxe à tona os percalços criados: pelas aulas remotas; a problemática do lixo depositado na escola, até que seja levado para ser descartado; a família muitas vezes não consegue ajudar aos filhos, pois não tem conhecimento; alguns alunos são muito transitórios, permanecendo pouco tempo na escola e a problemática das estradas, que não dá trafegabilidade em dias de chuva.

Como nos relatou uma das participantes: “O motorista do ônibus levava uma vez por semana o material impresso para entregar nas casas dos alunos e recolhia o material deixado na semana anterior. Ao retornar à escola nos devolvia o material, que muitas vezes, nos deixava decepcionadas, os alunos devolviam as atividades, sem responder, pois os pais não conseguiam os ajudar”. Este relato é um depoimento importante da colega, que sintetiza em grande parte as dificuldades encontradas pelos educadores e educandos do campo, neste período atípico da Pandemia da Covid 19 e suas consequências que marcaram a vida de muitos alunos e suas famílias.

## **2º Encontro - 10/08/2021**

Foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) pelo Prof. Dr. Algacir José Rigon, Coordenador Acadêmico Campus/Dom Pedrito da Universidade Federal do Pampa, militante do MST, docente no curso de Educação do Campo/UNIPAMPA/Campus Dom Pedrito, que fez um relato sobre as questões que envolvem a Educação do Campo, tanto no que se refere aos aspectos educativos, como políticos, culturais, etc.

Os pontos abordados: discussão sobre educação do campo, luta pela terra, reforma agrária, agronegócio, formação dos camponeses e acesso ao conhecimento e ciência, políticas públicas, MST, agrotóxicos, como se sustentar no campo.

O resultado foi descrito pelos participantes como oportunidade de aprendizagem e compartilhamento de saberes do campo, gerou curiosidade para o nosso terceiro encontro, acesso a alimentação saudável, a questão social da terra, os latifúndios, o trabalho cooperado e associativo, a exploração dos campos nativos, a educação pública e de qualidade, a organização dos trabalhadores como tarefa da educação do campo com a soberania e segurança alimentar.

Como vemos nos relatos de algumas participantes da intervenção: “A questão dos pequenos agricultores se organizarem para lutarem por políticas públicas que venham a favorecer o homem que trabalha e mora no campo”.

“Olhamos para o céu e vemos os aviões largando agrotóxico, que são levados pelo vento, até as hortas, nos pátios das residências”.

“Temos em Dom Pedrito uma família que é dona de quase todas as terras do município, isso é um disparate, em detrimento de outros que lutam por um pequeno pedaço de terra para a subsistência da família”.

“O homem do campo precisa ter no campo, uma educação de qualidade, que experencie a sua realidade”.

Neste encontro, podemos refletir sobre as dificuldades da Educação do Campo, a falta de políticas concretas para a população do campo, que se reflete na desmotivação dos jovens em seguirem seus estudos. Também percebemos que só será na luta por uma educação de qualidade, que virão políticas e ações para aqueles que são e estão no campo. Este trabalho, modestamente, é uma contribuição nesta luta que é de todos os que almejam melhores oportunidades e mais respeito.

### **3º Encontro - 11/08/2021**

Foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suzana Cavalheiro de Jesus, (Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, (2015), Professora do Magistério Superior da Universidade Federal do Pampa, docente no curso de Educação do Campo/UNIPAMPA/Campus Dom Pedrito), uma fala sobre Etnias do Bioma Pampa aos professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes.

Os pontos abordados do livro: “Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa, povos ameríndios e tradicionais”, as questões gerais dos povos que habitam o Bioma Pampa/Rio Grande do sul: Guaranis (Mbya, Chiripa, Nhandeva), Kaingang, Charrua, Laklãnõ/Xokleng e Xetá. A relevância da língua falada é de extrema importância para a família linguística de cada etnia, a comida, o parentesco, a demarcação de terras, a organização social, isso define um grupo étnico, e, o solo brasileiro, atualmente é o lar de 253 povos indígenas, com 154 línguas e dialetos falados.

Os resultados do tema abordado foram descritos pelas participantes, que ficaram emocionadas, durante a fala da Prof<sup>a</sup>. Suzana, sobre o batismo das crianças guaranis, realizado com sementes de milho, elevando a espiritualidade. A luta dos guaranis por escolas indígenas situadas e geridas nas aldeias por professores indígenas.

De acordo com os comentários de professoras participantes nos remete aos temas abordados: “O território dos povos tradicionais possui ainda, áreas preservadas no bioma Pampa”. “A cultura e a tradição, os costumes dos povos tradicionais, são passados de pai para filho”. “A questão das escolas nas reservas indígenas, onde a língua materna, é a primeira, depois aprendem a Língua Portuguesa”. “Em relação aos valores e conhecimentos são herdados de antepassados dos Povos e Comunidades Tradicionais”. “Adoro a simbologia espiritual deles, acho fascinante”.

Figura 6 – Foto Povos e comunidades tradicionais do pampa



Fonte: Fotos do livro Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa, Povos Ameríndios e Tradicionais.

Sendo que o povo indígena sempre me trouxe curiosidade sobre seu cotidiano e sua realidade, seus costumes, suas tradições e suas crenças. A professora Suzana conseguiu com a

explanação, me transportar para dentro de uma aldeia e tive a sensação de participar daquele contexto.

#### **4º Encontro - 12/08/2021**

Foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) pelo Prof. Dr. Vinicius Piccin Dalbianco (Doutorado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria, (2016), Professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Pampa, docente no curso de Agronomia/UNIPAMPA/Campus Itaqui), fala e apresentação do Projeto: Pampa, Bioma e sua Gente, através de 55 fotografias com cenários do Bioma Pampa. Foram selecionadas 44 fotos para a apresentação.

Os pontos abordados: crítica à realidade da pampa como espaço vazio, menosprezo à Educação do Campo - Licenciatura, estradas sem trafegabilidade para escolas do campo, contraste de gerações, talentos culturais do campo, fechamento de escolas do campo e texto de abertura da exposição das fotografias.

O encontro foi retratado de maneira brilhante na coletânea de fotos, as quais foram um convite para uma “passada” no campo, mostrando a realidade do gaúcho, nas lidas campeiras, os hábitos, o êxodo rural, a linguagem materna típica do pampa, o gaúcho de hoje e de ontem, através da cultura e das escolas do campo.

Observemos os relatos de participantes: “As fotos representam com certeza a vida do campo, suas raízes e suas tradições vivas em sua oralidade”. “Essas fotografias nos fazem viajar para o campo...”. “Essa paisagem na foto, parece um quadro”. “Que tipo de ser humano tornaram-se, essas pessoas que passaram por esta escola”.

Figura 7 – Foto Bioma e sua gente



Fonte: Fotos do Projeto: Pampa, Bioma e sua Gente.



Na contextualização do habitante do bioma pampa, retratado nas fotografias trazidas pelo professor Vinícius nos aproxima à simplicidade da realidade cotidiana, os costumes, as tradições, as crenças e a cultura deste indivíduo que vive no campo. Onde o gaúcho que mora e trabalha na fronteira interage com suas peculiaridades, tem a sua identidade enraizada neste espaço.

### **5º Encontro - 17/08/2021**

Foi realizado no [meet.google.com/hew-mfqa-hua](https://meet.google.com/hew-mfqa-hua) pelo Prof. Dr. Rafael Cabral Cruz, (Doutorado em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (2005), Professor Associado da Universidade Federal do Pampa/Campus São Gabriel), fez relato através do Livro “Uma pequena história ambiental do Pampa: Proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança In: A sustentabilidade da Região da Campanha - RS: Práticas e Teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas”.

Os pontos abordados: surgimento do homem e com sua interação com o Bioma Pampa, o homem descobre o fogo e o usa no final do pleistoceno, o pisoteio e o pastoreio, a charqueada, chegada dos italianos e alemães, revolução verde, arroz irrigado, a perda de biodiversidade e mudanças climáticas.

O encontro foi muito produtivo e enriquecedor, para as participantes. Sendo que o compartilhamento da história trazida pelo Prof. Rafael agregou conhecimento, o sentimento de pertencimento dos campos sulinos e as vivências de 12 (doze) mil anos, como estivessem presentes atualmente, neste Bioma Pampa.

Quando o nível de linguagem que estão contextualizadas e distintas nas interações sociais entre sujeitos oriundos do campo e o mundo, passam pela interpretação e assimilação da mensagem entre eles, ou seja, haverá uma linguagem coloquial, que é falada pelo gaúcho que habita este pampa com sua fonética típica desse espaço, onde ocorre, a sua inserção. Através das falas das participantes podemos verificar: “Acredito que a influência fonética e a proximidade dos países fronteiriços foram fundamentais, para que o gaúcho incorporasse na sua linguagem materna, as falas cotidianas dos nossos vizinhos”. “Interessante essa fala sobre o pastejo e o pisoteio”. “As lavouras de arroz estão tomando conta das paisagens do nosso bioma, alterando sua fotografia”. “As alterações no clima estão cada vez mais acentuadas e desproporcionais”.

## 6º Encontro - 30/09/2021

Neste encontro combinamos que seria destinado à apresentação da cartilha (1ª versão).

Construí juntamente com as participantes, que a produção de texto para a cartilha deveria ser sintética e com apelo visual onde a linguagem materna fosse introduzida e contasse de forma clara, que o bioma pampa na concepção de espaço cultural, político e social, dos aspectos ecológicos, socioambientais, econômicos, sociais, históricos e contemporâneos do gaúcho.

Então o esboço da construção da nossa cartilha, foi enviado por e-mail e, para o grupo da Intervenção por WhatsApp. Para minha satisfação o resultado foi de que a cartilha ficou elucidativa, atual, concisa e clara, que agregará ao ensino-aprendizagem, pois é uma ferramenta que auxiliará aos envolvidos com este processo, uma nova perspectiva através da língua materna utilizada pelo povo gaúcho, inserido no Bioma Pampa, com um novo olhar para a educação do campo.

Então, um dos exemplos de como a construção da cartilha foi importante para as participantes, que transcrevi o depoimento da professora Fabiele Gomes Miranda, o qual foi colocado na cartilha:

“Caminho da Escola” (Fabiele Gomes Miranda)

Como professora da Escola Rural Municipal Sucessão dos Moraes/Dom Pedrito/RS, localizada no subdistrito do Upacarái, a cerca de 30Km da área urbana, sou encantada pela paisagem que me acompanha pelo caminho até ela, mas temos muitas evidências da degradação e descaracterização do Bioma Pampa. Pelo trajeto, nos deparamos com grandes áreas de monocultura, criação de gado em pequenas áreas, uso indevido das águas, áreas com espécies exóticas, indícios de erosão e do mau uso do solo. Mas, ainda se percebe na região a resistência de nosso Bioma. Animais da fauna local, algumas vertentes, lagos e açudes naturais, vegetação arbustiva, planícies amplas e coxilhas cobertas por pastagem nativa. Ainda aliado a isso, a existência de pequenas propriedades, que nos lembram que o homem do campo é parte do sistema, e, de vital importância para a manutenção deste, quando se percebe integrado a natureza e colabora com ela.”

Quando as formas de comunicação e expressão utilizadas pelo sujeito indicam o seu estado de espírito, seus sentimentos ou suas atitudes, marcando assim a cadeia da linguagem e

mesmo tardiamente desenvolvendo alguma forma de linguagem, registramos na memória e nos comunicamos através de gestos, na escrita e na oralidade.

Quando trocamos conhecimentos com um aluno morador do pampa, através da linguagem informal, perceberemos que foneticamente no cotidiano campesino, ele não poderá ser questionado por falar: marcela, barre, bassora, tramela e trabiseru, não nos cabe desmerecer pejorativamente sua forma de comunicação, herdada dos países que falam a Língua Espanhola. A fonética herdada dos ancestrais de acordo com a constituição do aparelho fonador, está muito enraizada em cada falante, seja ele descendente de fronteiriços, alemães ou italianos, que ele fale 'caro ou carro', estará preservando a sua cultura e suas raízes, sem nenhum depreciamento.

Quando um sujeito usa diferentes formas de uso da linguagem em situações comunicativas diversas, procurando adequar forma e vocabulário em cada situação, ele estará usando linguagem comum ao falante e ao meio no qual estão inseridos: no trabalho, na escola, com os amigos, com a família, em solenidades e no mundo virtual.

Sendo que a participação dos palestrantes convidados e dos educadores da Escola Municipal Rural Sucessão dos Moraes, foi fator determinante para a construção coletiva do relatório. Os professores do campo com suas experiências educativas, relatos, disponibilidade, empatia, coletividade e parceria, fez com que o produto dos encontros fosse realidade, para que posteriormente seja levado e divulgado nas comunidades escolares e utilizado como uma ferramenta para auxiliar no processo ensino-aprendizagem.

Assim sendo, os relatos da confecção da cartilha coletiva, foram sintetizadas no quadro a seguir:

Quadro 8 - Quadro dos resultados

ENCONTRO	TEMA	OBJETIVO	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO
<p><b>1º Encontro - 09/08/2021</b></p> <p>Prof. Dr. Jefferson Marçal da Rocha – Apresentação do Projeto – 30 min + 30 min roda de conversa (com a mestrand).</p>	<p>Uso da linguagem formal e informal. metodologia a ser utilizada durante a realização do projeto.</p>	<p>Que os professores participantes conheçam o projeto de intervenção, através na linguagem escrita e falada, a maneira correta de utilizar Língua Portuguesa.</p>	<p>Através da exposição, debate e roda e conversa.</p>	<p>O resultado foi descrito como produtivo, enriquecedor, com troca de ideias, vivências; muita expectativa para a construção da cartilha, que será utilizada de modo interdisciplinar. Trouxe à tona os percalços criados: pelas aulas remotas; o lixo fica um mês depositado na escola, até que seja levado para ser descartado; a família muitas vezes não consegue ajudar aos filhos, pois não tem conhecimento; alguns alunos são muito transitórios, permanecendo pouco tempo na escola e estrada não dá trafegabilidade em dia de chuva.</p>
<p><b>2º Encontro - 10/08/2021</b></p> <p>Prof. Dr. Algacir José Rigon – Educação do Campo – 30 min 30 min roda de conversa (com a mestrand).</p>	<p>Uso da linguagem materna na Comunicação, utilizada pelos moradores do campo.</p>	<p>Que os professores participantes entendam como acontecem as políticas públicas para a educação do campo.</p>	<p>Utilização de palavras comuns à vida no campo.</p>	<p>O resultado foi descrito como oportunidade de aprendizagem e compartilhamento de saberes do campo, gerou curiosidade para o terceiro nosso encontro, acesso a alimentação saudável, a questão social da terra, os latifúndios, o trabalho cooperado e associativo, a exploração dos campos nativos, a educação pública e de qualidade, a organização dos trabalhadores como tarefa da educação do campo com a soberania e segurança alimentar.</p>

<p><b>3º Encontro - 11/08/2021</b> Profª. Drª. Suzana Cavalheiro de Jesus</p> <p>Etnias do Bioma Pampa – 30 min</p> <p>30 min roda de conversa (com a mestranda)</p>	<p>Etnias e o Bioma Pampa.</p>	<p>Reconhecer a diversidade de etnias que compõem o Bioma Pampa.</p>	<p>Descrição e comparação das diversas etnias, ameríndios e povos indígenas.</p>	<p>Os resultados foram descritos pelas participantes que “viajaram” e ficaram emocionadas, durante a fala da Profª. Suzana, sobre o batismo das crianças guaranis, realizado com sementes de milho, elevando a espiritualidade. A luta dos Guaranis por escolas indígenas situadas e geridas nas aldeias por professores indígenas.</p>
<p><b>4º Encontro - 12/08/2021</b> Prof. Dr. Vinicius Piccin Dalbianco –</p> <p>Fotos Cotidianas/Bioma Pampa – 30 min + 30min roda de conversa (com a mestranda).</p>	<p>Uso da linguagem materna e o Bioma Pampa.</p>	<p>Identificar o cotidiano no Bioma Pampa, entre outros biomas do Brasil.</p>	<p>Utilização de fotografias, para mostras do cotidiano do homem do campo.</p>	<p>O encontro foi retratado de maneira brilhante na coletânea de fotos, as quais foram um convite para uma “passada” no campo, mostrou a realidade do gaúcho, nas lidas campeiras, os hábitos, o êxodo rural, o gaúcho de hoje e de ontem, através da cultura e das escolas do campo.</p>
<p><b>5º Encontro - 17/08/2021</b> Prof. Dr. Rafael Cruz –</p> <p>Uma pequena história do Pampa – 30 min + 30min roda de conversa (com a mestranda).</p>	<p>Uso da linguagem materna e o Bioma Pampa.</p>	<p>Conhecer a história do Pampa e o território no qual estamos inseridos.</p>	<p>Conceituar fatos de vivência do contexto de historicidade, passados de geração a geração.</p>	<p>O encontro foi muito produtivo e enriquecedor, para as participantes. Sendo que o compartilhamento da história trazida pelo Prof. Rafael, agregando conhecimento, o sentimento de pertencimento dos campos sulinos e as vivências de 12 mil anos, como estivessem presentes nos dias atuais, neste Bioma Pampa.</p>
<p><b>6º Encontro - 30/09/2021</b> Apresentação da cartilha (1ª versão - com a mestranda).</p>	<p>Bioma Pampa, Educação do Campo e Linguagem.</p>	<p>Utilização dos conceitos de linguagem, bioma pampa, educação do campo, educação ambiental, junto aos participantes da proposta.</p>	<p>Amostragem da confecção da cartilha.</p>	<p>Foi enviada a cartilha por e-mail e no grupo da Intervenção por whatsapp e o resultado foi de que ficou elucidativa, atual, concisa e clara, que agregará ao ensino-aprendizagem, pois é uma ferramenta que auxiliará aos envolvidos com este processo, proporcionando uma nova perspectiva através da língua</p>

				materna utilizada pelo povo gaúcho, inserido no Bioma Pampa, com um novo olhar para a educação do campo.
--	--	--	--	--

Fonte: Autora, 2021

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito à intervenção, ela foi dividida em seis encontros, que nos remeteram a participação dos palestrantes convidados e aos temas abordados por eles, os quais serviram de base para a confecção da cartilha, onde foram relevantes e pertinentes para o amadurecimento da organização, da produção textual, da parceria nas ações utilizadas para a nossa construção coletiva da cartilha.

A confecção da cartilha tem como objetivo de contribuir para que os professores do campo rememorassem e revisitassem os encontros e as questões que foram colocadas.

No contexto da construção coletiva da cartilha, a partir da intervenção, foi uma experiência inovadora a todos os participantes, os temas abordados geraram expectativa e foi descrita pelos educadores do campo como uma ferramenta didática e interdisciplinar, que traria interação entre os estudantes, os quais poderiam inclusive motivar-se a enriquecê-la ainda mais com suas próprias experiências. Na avaliação as professoras da escola consideram a mesma elucidativa, atual, concisa e clara, que agregará ao processo ensino-aprendizagem dos alunos da Escola Municipal Rural Sucessão dos Moraes. De acordo com os relatos das participantes: “Como ficou bonita e na sua simplicidade, a cor verde, nos remete a natureza, aos pampas, ao bioma”. “Adorei os textos claros, sintéticos e explicativos”. “Visualmente ficou muito bonita, dá vontade de ler”. “Nossos alunos irão ficar muito felizes com a aparência e com o conteúdo”. “Eles poderão refazer a cartilha, utilizando os conteúdos estudados, já que é interdisciplinar”.

Quanto à escolha dos temas desenvolvidos, surgiu através dos relatos dos professores convidados, das experiências vividas, das trocas de saberes e da relevância dos temas dentro do contexto do campo e da história da escola. Então tivemos a ideia de trazer palestrantes que tivessem familiaridade com os temas escolhidos, que abordassem a relação entre perturbação e mudança, na sustentabilidade do Bioma Pampa, na prática e na teoria, da concepção entre ambiente, sociedade, cultura, políticas públicas e o indivíduo/forjado no pampa gaúcha.

No contexto da escola acredito que proporcionará aos envolvidos no processo, uma nova perspectiva através da língua materna utilizada pelo povo gaúcho, inserido no Bioma Pampa, concebendo um novo olhar para a educação do campo, com troca de ideias e vivências dos educadores participantes, na concepção de espaço cultural, político e social, agregando os aspectos ecológicos, socioambientais, econômicos, sociais, históricos e contemporâneos do bioma pampa.

Para que os professores juntamente com os alunos da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes tenham comprometimento e envolvimento com as questões que envolvam a sustentabilidade, as relações ambientais, a concepção de espaço cultural, político e social, agregando os aspectos ecológicos, socioambientais, econômicos, sociais, históricos e contemporâneos do bioma pampa e a valorização do contexto em que estão inseridos.

A avaliação foi realizada de maneira que os achados relativos aos efeitos da intervenção foram expostos por meio de descrição e interpretação, incluindo exemplos retirados do *corpus* de dados empíricos e os aspectos relativos à avaliação da intervenção, enfocaram a análise da característica da intervenção responsável pelos efeitos percebidos em seus participantes.

Tal análise discutiu os pontos fracos e fortes da intervenção, com relação aos objetivos para ela traçados e, caso se aplique, julgasse as modificações que foram introduzidas durante seu curso, frutos das constantes reflexões realizadas durante o processo interventivo.

Vale destacar que durante a intervenção vieram à tona algumas das muitas dificuldades que ainda fazem parte do cotidiano das escolas do campo, além disto, na Escola Municipal Sucessão dos Moraes se percebeu a ineficácia das aulas remotas em época de pandemia, o descarte do lixo, a falta de saneamento básico, a dificuldade das famílias para ajudar aos filhos, as estradas intransitáveis em dia de chuva entre muitas outras dificuldades relatadas pelos professores durante a intervenção.



## 7 CONCLUSÕES

Aquilo que enxergamos no momento é o limite conceitual e epistemológico, pois não somos donos da verdade e, ela, não é absoluta. Então teremos como referência, dialogar sobre o objetivo que está posto.

Durante toda a trajetória da minha atuação no magistério nunca tinha percebido o que nesta pesquisa pude observar claramente, de como é importante o papel do pesquisador dentro das práticas do processo ensino-aprendizagem e na vida escolar.

Compreendemos a concepção dos aspectos relacionados ao bioma Pampa, presentes no espaço da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes e por meio do estudo da linguagem materna, por eles utilizada, construímos formas de compartilhar e divulgar de maneira crítica, estes aspectos nos processos de ensino-aprendizagem sobre este bioma.

Justifiquei a conjunção entre as perspectivas do campo, especificamente a relação da Educação do Campo e às questões envolvendo o meio ambiente.

Verifiquei pela linguagem materna, os aspectos que envolviam a relação entre as perspectivas da vida no campo e da educação do campo.

Ao propor que pelo uso da linguagem materna os professores convidados, refletissem sobre os aspectos que envolviam suas relações com o meio ambiente, com a relação entre as perspectivas da vida no campo e da educação do campo, com discussões nas formas de leitura e de escrita do idioma materno (na perspectiva dos seus aspectos fonéticos regionais), sejam motivados no cotidiano da sala de aula, para que nas discussões possam se manifestar sem receio ou vergonha de sua oralidade e de suas origens.

Saliento que devido a pandemia Covid-19, as intervenções talvez não tenham sido tão ricas como seria na forma presencial, as atividades remotas foram um desafio para todos os educadores nestes dois anos de pandemia.

Acredito que de acordo com o objetivo ao estudarmos partir da linguagem os aspectos sociais, ecológicos, culturais e econômicos que envolvem o Bioma Pampa, esta reflexão servirá para contribuir com processo ensino-aprendizagem proposto futuramente pelos educadores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes.

Verifiquei pela linguagem materna, os aspectos que envolviam a relação entre as perspectivas da vida no campo e da educação do campo.

Motivei para que nas questões cotidianas da sala de aula, fossem exploradas na utilização da língua, como instrumento de formação do perfil do professor;

Propus reflexões nas formas de leitura e de escrita do idioma materno (na perspectiva dos aspectos fonéticos regionais), utilizados pelos educadores participantes desta intervenção.

É fato relevante também o papel do educador para auxiliar nossos educandos a serem cidadãos reflexivos, éticos, autônomos, participativos, críticos e que acreditem nos valores morais, dentro de uma sociedade mais justa, inclusiva, humana, igualitária, coletiva, empoderada, que compartilhe, que evolua através dos vários tipos de linguagem, que são utilizados na comunicação, norteando e transformando nossa vida dentro do tempo e espaço, nos diferentes saberes e histórias passados de geração a geração.

Construímos uma ‘cartilha’ sendo que esta proposição se referiu à confecção de um material coletivo, que captou a expressão dos educadores participantes, na compreensão da linguagem balizadora e que propiciou, a mediação de novas maneiras de pensar e realizar o papel do conhecimento adquirido na formação humana, no desenrolar do ensino-aprendizagem, na concepção de espaço cultural, político e social, agregando os aspectos ecológicos, socioambientais, econômicos, sociais, históricos e contemporâneos do bioma pampa, e, não; as ideias e representações dos conceitos da autora.

Quando pesquisei sobre a linguagem, o bioma pampa e a educação do campo, tive a sede de saber, de conhecer o novo, o qual nos traz a expectativa do vislumbre ao mesmo tempo em que pude permitir construções críticas e inovadoras, para tanto sai da ignorância e fui para a luz, mesmo que no início fosse tênue e distante.

Todo caminho nos leva algum lugar, é só dar o primeiro passo. No entanto para isso, muitas vezes houve necessidade de que lançasse um olhar de maneira muito especial, para enxergar o que se desenhava a nossa frente.

A tomada de decisão por vezes se tornou muito difícil e dolorida, pois tive que rever valores, muito arraigados, para conhecer o novo. Devido à natureza humana temi o que não conhecia, pois o caminho a ser percorrido, foi uma incógnita e várias indagações são feitas ao nosso ‘eu’ e a consciência exige uma resposta: certa ou errada.

Compactuando com (MYNAIO, 2016).

Eis que me deparei nesta trajetória com dois caminhos: o da ciência e o de fora dela, onde o pesquisador deve amparar-se na ciência, e, valer-se também do senso comum que corre por fora; e ao lado. Sendo que a bagagem adquirida ao longo da vida jamais deva ser descartada, e, sim ser presente para que nossas decisões possam ser precisas (MINAYO, 2016). Poderíamos dizer, nesse sentido, que o labor científico caminha sempre em duas direções: numa elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração

e, sobretudo, imbuem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído (MINAYO, 2016. p, 12 e 13).

Nesta trajetória investigativa agreguei conhecimentos científicos ao saber construído na vivência, pois sabia que ambos se completaram e foram de suma importância, para que no momento adequado, conseguisse chegar ao final do caminho ao qual me propus sempre disponível e atenta à reformulação de conceitos e direções, em função dos acontecimentos e mudanças ocorridas durante o percurso, trilhei-o com ética, verdade, valorização das relações interpessoais e participei do bem coletivo, onde o processo ensino-aprendizagem, visava contemplar as diferenças, o despreparo do professor, salas de aula cheias, e tendo consciência de que é preciso lutar para que a inclusão seja uma tarefa permanente de todo o educador da escolas do campo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, K. F. e ROCHA, M. L. Práticas Universitárias e a Formação Sócio-política. *Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política*, nº 3/4, 1997, pp. 87-102. Acesso em 28/07/2020. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932003000400010](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010)

\_\_\_\_\_. Ofício de Mestre. Vozes: Petrópolis, 2000.

BRASIL. **Decreto Nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.** Disponível em: [http://www.presidencia.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm](http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm) acessado em 18/05/2020.

BUNZEN, Clecio, MENDONÇA, Márcia: **Português no Ensino Médio e Formação do Professor.** Parábola Editorial, São Paulo, 2006.

CALDART, R. S. **Elementos para Construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo.** In: MOLINA, M. C.; AZEVEDO de JESUS, S. M. S. (org.) Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Brasília, DF: Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo", 2004.

\_\_\_\_\_. **18ª JORNADA DE AGROECOLOGIA** – Curitiba, 2019 Agroecologia, educação e projeto social emancipatório.

CRUZ, R.C., GUADAGNIN, D.L. Uma pequena história ambiental do Pampa: Proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança In: **A sustentabilidade da Região da Campanha -RS: Práticas e Teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas.** Ed. Santa Maria, RS.:UFSM, PPG Geografia Dep. de Geociências, 2010, p. 155-179.

DEBLE, L. P. (2011) **Diversidade da vegetação campestre no Bioma Pampa.** In: DEBLE, L. P.; OLIVEIRA-DEBLE, A. S. de & A. L. S. LEÃO. Bioma Pampa: Contribuições científicas. Bagé: Ediurcamp. 200 pp.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação.** São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GERALDI, Wanderlei, João: **O Texto na Sala de Aula.** Ática. São Paulo, 2006.

IMBERNÓN, Francisco: **Formação Continuada de Professores.** Artmed, 2010.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996;

MARTELOTTA, Eduardo, Mário. **Manual de Linguística**: Editora Contexto, São Paulo, 2011.

MAZURANA, Juliana, DIAS, Jaqueline Evangelista, LAUREANO Lourdes Cardozo, Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016. 224 p. : il.: fotografias; 27cm.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2010.

MOLINA, M. C.; FERNANDES, B. M. **O Campo da Educação do Campo**. In: MOLINA, M. C.; AZEVEDO de JESUS, S. M. S. (org.) **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2004.

NETO, Veiga, Alfredo: **Foucault & a Educação**. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2011.

NETO, A. J. de M.. Formação de professores para a Educação do Campo: projetos sociais em disputa. In: ROCHA, A. M. I.; MARTINS, A. A.. **Educação do Campo – desafios para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NEVES, F. **Novo acordo ortográfico: guia da nova ortografia**. Disponível em: <<https://www.normaculta.com.br/novo-acordo-ortografico/>> Acesso em 16 de mai. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 9. Ed. Porto Alegre, Martins Livreiro Editora, 2014. 138 p.

Projeto Político Pedagógico do Curso PPPC/EMEFSM. Acesso 19 de set. de 2019.

Projeto Político Pedagógico do Curso PPPC/LECampo. Acesso 23 de out. de 2019.

RIGON, Algacir José. Contribuições da Atividade Orientadora de Ensino para a Educação do Campo. Obutchénie. **Revista De Didática E Psicologia Pedagógica**, 4(2), 310-333. <https://doi.org/10.14393/OBv4n2.a2020-57484>. Acesso em 29 de set. 2021.

ROCHA, Jefferson Marçal. **As raízes da crise da metade sul: estudo da formação econômica do Rio Grande do Sul**. Jaguarão: Fundação Universidade Federal do Pampa, 2011.

ROCHA, Jefferson Marçal. **Sustentabilidade em Questão: Economia, Sociedade e Meio Ambiente**. Jundiá: Paco Editorial, 2011 a.

ROCHA, A. M. I.; MARTINS, A. A.. Formar docentes para a Educação do campo: desafio para os movimentos sociais e para a universidade. In: ROCHA, Antunes Maria Isabel; MARTINS, A. A.. **Educação do Campo - desafios para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SAUVÉ, L. La educación ambiental entre la modernidad y la posmodernidad: em busca de un marco de referencia educativo integrador. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M. (Org.).

**Textos escolhidos em educação ambiental:** de uma América à outra. Tomo-1. Canadá: ERE-UQAM, 2002. p.63-78.

SAUSSURE, Ferdinand: **Curso de Linguística Geral**. Cultrix. São Paulo, 2006.

SAUVÉ, L. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005a.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. *In*: SATO, Michéle. e CARVALHO, Isabel (Org.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafio**. Porto Alegre: Artmed, 2005b, p.17-44.

VIGOTSKI, S.L, LURIA, R,A, LEONTIEV, N.A: **A formação social da mente**. Livraria Martins Ltda, São Paulo,1991, 4ª edição brasileira.

WANDERLEY, Maria Nazaré B. **O lugar dos rurais: o meio rural no Brasil moderno**. In Anais do XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 1997.

WANDERLEY, Maria Nazaré B. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil**. In Desenvolvimento e meio ambiente: a reconstrução da ruralidade e a relação sociedade natureza. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e esclarecido

Prezado/a Senhor/a

A presente caracterização do contexto, faz parte do diagnóstico realizado por mim, Nara Sandra Ribeiro Montiel, como requisito parcial para a pesquisa: “Formação Continuada de Educadores do Campo: Bioma Pampa”, tendo como orientador o Professor Doutor Jefferson Marçal da Rocha, a partir da minha inserção como aluna do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa (PPGEdu/UNIPAMPA).

Nesse sentido, as informações fornecidas por V. S.a serão importantes para a caracterização do contexto onde a escola está inserida, considerando a função que vem desempenhando como diretora da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes.

Justifico assim, a importância da sua contribuição através dos diálogos, de ligações telefônicas, da leitura do Projeto Pedagógico da Escola - PPC e por whatsapp, que tem como principal objetivo auxiliar na compreensão da contextualização e dos processos decisórios na escola.

Para registro da sua contribuição a este trabalho, ou seja, informações e dados fornecidos, solicito a autorização para a realização e anotações por escrito do que necessitar registrar pertinente ao âmbito dos objetivos deste diagnóstico. Informo também que dou liberdade de recusar-se a participar integral ou parcialmente das conversas, bem como de retirar-se qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo. Comprometo-me com a garantia do total sigilo e com a preservação da identidade pessoal como contribuinte deste diagnóstico, e dos dados confidenciais que possam ser fornecidos.

Coloco-me a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

Nara Sandra Ribeiro Montiel

Diante do exposto, eu .....,identidade..... declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar deste diagnóstico e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento e que as informações fornecidas por mim que não forem consideradas confidenciais, poderão ser publicadas ao término deste estudo.

## APÊNDICE B – Fotos

Figura 8 - Foto Sala de Professores



Figura 9 - Foto Transporte Escolar



Figura 10 - Foto Fachada Escola





Figura 11 - Foto Acolhimento pela Diretora da Escola








## Apresentação

Olá, meu nome é Nara Sandra Ribeiro Montiel. Esta é uma cartilha que foi elaborada com a colaboração de professores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, para que possa ser utilizada e distribuída como ferramenta para o ensino-aprendizagem nas escolas da rede municipal, estadual e federal, sobre o Bioma Pampa

A Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes, adota como prática de ensino o uso da linguagem materna, esta natural do Pampa Gaúcho.



## **Caminho da Escola por Fabiele Gomes Miranda**

Como professora da Escola Rural Municipal Sucessão dos Moraes/Dom Pedrito/RS, localizada no subdistrito do Upacaráí, a cerca de 30Km da área urbana, sou encantada pela paisagem que me acompanha pelo caminho até ela, mas temos muitas evidências da degradação e descaracterização do Bioma Pampa. Pelo trajeto, nos deparamos com grandes áreas de monocultura, criação de gado em pequenas áreas, uso indevido das águas, áreas com espécies exóticas, indícios de erosão e do mau uso do solo. Mas, ainda se percebe na região a resistência de nosso Bioma. Animais da fauna local, algumas vertentes, lagos e açudes naturais, vegetação arbustiva, planícies amplas e coxilhas cobertas por pastagem nativa. Ainda aliado a isso, a existência de pequenas propriedades, que nos lembram que o homem do campo é parte do sistema, e, de vital importância para a manutenção deste, quando se percebe integrado a natureza e colabora com ela.

# A Chegada do Homem no Pampa.

O homem está inserido no Pampa há mais de 12 mil anos. Seus costumes, da caça ao cultivo originaram o gaúcho, este indivíduo que respira, mora, trabalha, estuda, planta, colhe, luta e sobrevive no/do/para o campo, (que fala marcela, barre, bassora, tramela e trabisseru), no seu cotidiano.







A nossa Dom Pedrito foi invadida por várias espécies de animais característicos do Bioma Pampa. O quero-quero (*Vanellus chilensis*), é um exemplo de espécie que se adaptou a zona urbana



O Cardeal do Sul (*Paroaria coronata*) é outra espécie que começa a aparecer nas cidades. Em Dom Pedrito é comum encontrá-los nas ruas menos centrais.

O desmatamento desabriga espécies de serpentes como a cruzeira (*Bothrops alternatus*) e como é um animal peçonhento, acaba sendo morto pelos habitantes que temem por sua segurança





Com a primavera começam a surgir diversas espécies de insetos polinizadores, entre eles a *Apis Mellifera*, a qual garante a reprodução vegetais, preservação da fauna e da flora.



A *Apis Mellifera* possui elevada importância para a manutenção ecológica no Pampa, porém elas vem desaparecendo. A agricultura e os agrotóxicos são causadores de degradação e morte das abelhas.





O "Butiazeiro", tem seu habitat no Bioma Pampa, deixando suas paisagens mais bonitas e coloridas. O gaúcho utiliza o seu fruto saudável de cor alaranjada ou amarela, para dar sabor à cachaça, em licores e sucos, contendo fibras e vitaminas A e C.





O Cardeal Amarelo, uma ave (*Gubernatrix cristata*) da espécie (família *Thraupidae*) característica do Bioma Pampa, esteve em vias de extinção, possui canto maravilhoso e linda plumagem



As **COXILHAS** como são conhecidas são um relevo em forma de colina característico dos campos da Campanha Gaúcha/RS, sendo que em Dom Pedrito há belas coxilhas, que deixam os nossos campos mais bonitos.

O Espinilho (*Acacia cavenia*) gradativamente, cede seu espaço para pastagens e agricultura. O Bioma Pampa agasalha essa espécie ameaçada de extinção pela mão do homem.





## Você Sabia ?

O Rio Santa Maria possui solo arenoso, sendo que a mão do homem e a erosão destruiu a flora, a fauna, os barrancos do rio, deixando-o mais largo e menos profundo.



O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) assume uma posição de destaque na luta pela reforma agrária no Brasil, com a participação de lavradores e camponeses de diferentes Estados. O movimento passou a defender a ocupação de terrenos como legítimo instrumento de luta contra o latifúndio e pelo direito à terra.





## FICHA TÉCNICA



**Realização, fotografia, Coordenação da elaboração dos textos e revisão:** Nara Sandra Ribeiro Montiel

**Edição Geral e Elaboração de Capa:** Leandro Porto

Marques

Prefácio

Localização da Escola

Características e Representações da Fauna

Características e Representações da Flora

Características do Bioma

Fatores que afetam a Biodiversidade

**Colaboração:** Fabiele Gomes Miranda, Adriana Cunha

Ancine, Gabrielly Carvalho da Silva, Gabriela Moraes

Chaves, Nara Núbia Scahardong Cardoso e Luciana

Moraes Soares.